Literomancia

EXPEDIENTE

Volume 2 | Nº 8 | 2021

A Literomancia é uma publicação trimestral e completamente gratuita especializada em Literatura Especulativa. O objetivo da revista é a valorização do criador de histórias como profissional para incentivar e promover o ramo literário.

Capista: Matchuca
Ícones: Pablo Peixoto, Freepik e Smashicons
Diagramação: Luana Nicolaiewsky
Editora e Coordenadora de mídias sociais: Marcela Bezerra
Diretor de redação: Dré Santos
Editora-chefe: Luana Nicolaiewsky
Redatores: Dré Santos, Luana Nicolaiewsky e Marcela Bezerra
Revisão de texto: Marcela Bezerra
Revisão literária: Dré Santos e Luana Nicolaiewsky
Entrevista: Dré Santos

ISSN 2675-1887
Publicação independente
Periodicidade: trimestral
Direção: André Santos (dre.santos@literomancia.com.br)
e Luana Nicolaiewsky (luana.nicolaiewsky@literomancia.com.br)
Endereço: Rua General Jonathas Borges Fortes, 765 – Glória – Porto Alegre/RS – CEP 91710-020

CARTA AO LEITOR

Mais uma edição saindo quentinha do forno literário! Mais textos, mais contos e mais debates. Gostaríamos de aproveitar esse momento em que falamos livremente com o nosso leitor para incentivá-lo a pensar, mesmo que momentaneamente, a respeito dos seus planos futuros. Este é um momento em que estamos mais concentrados, que estamos botando em prática o que planejamos no início e começando a torcida por bons resultados.

Pare um instante para repensar esses planos. Garanta que você está no caminho certo, que aquilo que está fazendo nesse instante realmente vai levá-lo aonde deseja ir. Lembre-se de não criar expectativas, mas sim alternativas. Esteja disposto a mudanças para refazer seus passos, se for preciso. Aproveite que você está no ritmo, e, se não está, encontre meios. Saiba onde colocar seu foco. E não se esqueça de parar para descansar de vez em quando. Vivemos um momento em que nos mantermos saudáveis é vital, não só no âmbito físico, mas também no psicológico.

Esperamos que essa edição possa, além de ser um bom entretenimento durante uma das suas pausas, proporcionar reflexões e desenvolvimento pessoal.

Bem-vindo à Literomancia

LITERATURA PROIBIDA PARA CRIANÇAS

Dré Santos

Censura é o que acontece quando uma pessoa ou entidade suprime informação pública, como opiniões ou expressões artísticas, com o objetivo de proteger interesses pessoais.

Crítica é a atividade de examinar, avaliar, formular opinião ou juízo de valor.

A crítica precede a censura, pois ninguém censura algo do qual não tenha criado um juízo de valor ou opinião, mesmo que extremamente superficial. Isso nos permite concluir que toda a censura é baseada em opinião ou juízo de valor.

Para formular uma opinião, ou desenvolver um juízo de valor consistente — o que chamamos de senso crítico — é preciso estudar. É discutível se a experiência de vida de um indivíduo é suficiente; entretanto, é incontestável que, se combinado ao estudo, formam juízos e opiniões consistentes, com embasamento sólido.

Para que uma pessoa possa estudar, são necessárias fontes confiáveis. Devido à sua capacidade de condensar informação em objetos duráveis e baratos e que necessitam de poucos cuidados, os livros são as melhores fontes. A leitura fomenta o confronto de diferentes ideias e o debate, dentro do qual criam-se o terreno fértil das opiniões e juízos de valor embasados e consistentes.

Quando um ato de censura nos priva de um livro, somos privados também da oportunidade de debater, de confrontar ideias e de desenvolver valores. Pode-se concluir, portanto, que quanto mais censura, menor é o desenvolvimento de senso crítico, de juízos de valores e da capacidade de formular as próprias opiniões.

A censura é uma poderosa arma político–ideológica.

Seja qual for o espectro da política ou ideologia, quando alguém quer implantar sua opinião em terceiros, seu primeiro ato será privá-los de fontes de informação que possam corroborar a ideia oposta. Muitas vezes, fazemos isso com nós mesmos, como quando nos recusamos a ouvir a opinião alheia, ou seja, evitando a etapa do debate e do confronto de ideias. Pessoas de opinião e juízo de valor bem embasados não precisam fugir de debates. Por isso, mesmo que a desculpa seja a autopreservação, a verdade é que, ao fugir, estamos na verdade nos autossabotando, nos privando da oportunidade de desenvolver

Obs.: Este texto já foi publicado no site; porém, como se trata de um assunto recorrente, optamos por incluí-lo oficialmente na revista, somado a um trecho inicial extra.

tanto nosso senso crítico quanto o de outros. Para praticar essa autossabotagem, também usamos outras táticas, como nos alienar em meio a grupos cujas opiniões e valores sejam os mesmos que os nossos. Mas existem limites?

Algo, de fato, pode acabar merecendo ser censurado?

A lógica desenvolvida aqui vale para qualquer livro, em qualquer situação. Censurar um livro é nos impedir de aprender observando o passado, desenvolvendo opiniões quanto a erros e acertos, conforme nossos valores, e é fechar uma janela para nossas ações do presente.

Mas, e quanto às crianças?

Para uma criança, a literatura é o mais importante refúgio. A fantasia tem como efeito criar um ambiente controlado em que, principalmente crianças, podem experimentar sentimentos complexos, como perda, morte, separação, rejeição e medo. Quando o sentimento é complexo demais, ou duro demais, a criança pode ficar em dúvida e questionar os pais a respeito. Sendo que essa interação entre pais e filhos, promovida pela literatura, pode ser extremamente saudável para ambos. Quando adultos afastam as crianças desse ambiente controlado, elas são obrigadas a experimentar sozinhas todos esses sentimentos, sem nenhum tipo de preparação ou suporte. A leitura possibilita o contato com pessoas e culturas diferentes, expandindo o universo do leitor para muito além do seu convívio e de suas experiências pessoais. Crescer sem acesso a todas as possibilidades que a literatura proporciona contribui para o desenvolvimento de problemas sociais recorrentes, como preconceito, intolerância, depressão, falta de empatia, além de gerar adultos que se apegam às próprias fantasias tardiamente para tentar compreender sua realidade e dar razão à sua existência.

O poder metafórico da literatura, em especial da fantástica, é uma de suas ferramentas mais poderosas. Por ela, é possível demonstrar e tratar de qualquer assunto, seja complexo ou raso, de formas variadas, alcançando-se qualquer tipo de público. Quando uma criança está se preparando para dormir e ouve um barulho no escuro, ela nem sempre tem o mesmo discernimento para presumir que se trata do metal ou madeira dilatando por causa da variação climática, por exemplo. A primeira coisa que irá pensar é que se trata de um monstro, e então irá cobrir a cabeça para ficar a salvo.

Em um exemplo ainda mais prático de como é criado esse refúgio dentro da literatura fantástica, há o relato de uma criança que era abusada por um tio. Ao ser levada ao psicólogo, a criança contou que não entendia por que, mesmo amando tanto o tio, ele a machucava. O psicólogo, conhecendo o valor da fantasia, contou para a criança a história de uma raposa que amava seu amigo lobo. Ora, eles eram iguais, afinal, ambos tinham quatro patas, focinho e cauda. Quando tentou se aproximar, porém, o lobo machucou a raposa. A criança entendia claramente a diferença entre um lobo e uma raposa, e a história fez sentido para ela. O lobo era muito maior e mais forte. Sua natureza era a de um caçador territorialista. Em suma, ele era perigoso, e, assim, estava claro para a criança que ela precisava se manter afastada do tio. O psicólogo escapou para o terreno seguro da fantasia para ajudá-la a compreender a realidade, mesmo que por uma história violenta.

A STOLEN YOUTH - POR SAM CARR

Há quem acuse a literatura fantástica de ser escapista; ou seja, uma literatura que faz com que o leitor esqueça dos problemas do mundo real durante a leitura, transformando-o em um eterno alienado. No entanto, a verdade é justamente o oposto. A literatura fantástica ajuda a compreender a realidade de maneira eficiente e variada, justamente pelo uso da metáfora. Já dizia Tolkien sobre a questão: "É errado julgar o prisioneiro por sonhar com o mundo lá fora?".

A **suspensão da descrença** é um efeito almejado pelos escritores em seus livros, ou seja, é um estado em que o leitor aceita o que está escrito como real, e é algo com uma relação muito próxima com a questão da verossimilhança interna. Tolkien também falava sobre não acreditar na suspensão da descrença; ele não acreditava que, durante a leitura, o leitor suspendesse sua descrença para ler fantasia. Para ele, o que acontece é algo diferente:

> *"O leitor não deixa de saber que o que está lendo não é real."*

A fantasia (e a literatura como um todo) é uma ponte para o real; é uma arma contra o desconhecido, pois preenche os vazios da lógica e da razão em seu estado puro e

brutal, trazendo todo conforto e chance de aprendizado gerado por essa fuga, escape, escudo, ou como achar melhor.

Mas e quais são os limites? O que eu posso mostrar, de fato, para uma criança?

Dentro da literatura, não há limites. Qualquer ato ou decisão que tomamos é baseado na soma de predisposição e influências do meio. Uma criança, ou mesmo um adulto, só vai reproduzir violência quando uma questão de predisposição, desenvolvida na concepção, se une a uma vida cercada de violência, seja lá quais tenham sido os aspectos dessa violência. O mesmo vale para sentimentos bons. Nem o mais belo livro do mundo irá transformar uma criança (ou qualquer pessoa) em alguém carinhoso se o meio em que está inserida não incentivar tais gestos de maneira genuína e sincera, permitindo que assimile, em seus próprios gestos e pensamentos, o que conheceu apenas através da ficção.

A literatura pode inspirar a forma como uma ação acontece, a maneira como acontece, mas nunca será sua causa. Ela é a máscara moldada com a aparência da sociedade na qual foi criada, é espelho dela e das verdades que a criaram. É mais fácil dizer que os dois jovens de Columbine entraram atirando no colégio porque ouviam Marilyn Manson do que buscar entender a raiz do problema. Provavelmente, a música era um dos únicos refúgios que esses jovens tinham para seus sentimentos, e isso pode muito bem ter atrasado a tragédia, em vez de garantir sua concretização. Por sua vez, o julgamento que podem ter sofrido por gostarem de alguém tão peculiar é um fator que pode ter sido o catalisador de tudo, pois os expunha à realidade do mundo sem nenhum tipo de preparação ou entendimento prévio. A fantasia age, assim, como anticorpos para a realidade; uma vacina que, como tal, é feita da própria doença. O vício em jogos eletrônicos é considerado uma doença pela OMS, porém, jogos são uma forma de arte, uma forma de fuga, de escape, de refúgio, e, portanto, apenas o sintoma de algo ainda mais grave que acomete nossa sociedade como um todo.

Portanto, caro leitor, sempre que você ler a notícia de que um livro foi proibido ou recolhido de uma feira, que uma obra de arte foi destruída, ou que jogos são responsáveis por crimes (ou tratados como causa de doenças), lembre-se do significado disso. Pondere sobre a ignorância que representa tais atos contra crianças, jovens e, enfim, contra toda a nossa sociedade. Destruir uma obra, proibi-la ou censurá-la é apenas mais um dos aspectos da violência da qual a literatura e a arte são um dos poucos refúgios disponíveis.

DESPOILED - POR SAM CARR

COMO FAZER PENSAR

Dré Santos

Toda arte, assim como a vida, é uma contradição. O autor escreve para poder se conectar com outras pessoas, mas, em geral, faz isso no conforto da solidão de um quarto úmido e cavernoso. Um músico é capaz de expressar sentimentos, mesmo por intermédio de um objeto elétrico. Um pintor ou escultor pode dar vida a uma arte eternamente imóvel. A arte nos faz pensar justamente por ser capaz de criar um universo inteiro em apenas uma única obra.

Isso vale também para os textos. O que faz com que o leitor reflita a respeito da obra é exatamente a contradição que existe nela. É criar um mundo de fantasia e mostrar como os humanos podem deturpar mesmo aquilo que é mágico. É mostrar que o futuro tecnológico, justamente o lugar onde depositamos todas as nossas esperanças de uma humanidade próspera e igualitária, é na verdade bem pouco diferente do que é hoje. É mostrar que o monstro, muitas vezes, é o próprio Homem, e que o medo pode ser uma ferramenta de defesa, ou, como toda ferramenta, uma arma apontada para a cabeça de nossos iguais.

No livro *A Flecha de Fogo*, do autor Leonel Caldela, existe uma cidade em que a violência é magicamente inibida pelo poder de uma deusa da paz. Não é uma temática incomum no fantástico, tendo em vista filmes, como *Equilibrium*, em que emoções e sentimentos são suprimidos com o uso de injeções diárias de psicoativos.

Diferentemente do filme, porém, o que é proibido naquela cidade é muito mais específico: violência. A história, portanto, deixa de avançar no trecho em que os personagens chegam nessa cidade — o que foi feito de forma claramente proposital. Tudo se torna pacífico e harmônico, e os conflitos que acontecem do lado de fora são esquecidos. É quase uma morte.

O que acontece é que, muitas vezes, a violência é o estopim do conflito, e sem conflito não há debate, sem debate não há conhecimento, e sem conhecimento não há futuro. Para sair da cidade, os personagens precisam lutar contra esse instinto de contentamento que os dominou ao cruzar pelo lugar, que se torna, de uma forma estranha, o inimigo. A paz se torna alvo de conflito na história. E é o conflito contra algo que deveria ser desejado que nos faz pensar.

Na sua história, qual é o conflito? O conflito está apenas em lutar contra um vilão ou sobreviver a uma adversidade? Mas o que esse vilão representa? De quem esse vilão é o herói? Tudo tem duas faces, e saber explorá-las concederá ainda mais profundidade à sua obra.

SOBRE A DESCRIÇÃO

Dré Santos

Ele era tão alto quanto um tronco de um metro e oitenta e dois centímetros.

Seu olho castanho era como uma pequena bola preta dentro de uma bola marrom.

Seu rosto era oval, como um ovo, mas de cabeça pra baixo e com cabelo no topo.

Eles nunca se conheceram. Como dois passarinhos, que também nunca se conheceram.

Ela tinha uma risada profunda, genuína, como o barulho que um cachorro faz antes de vomitar.

O que todas essas frases têm em comum é o fato de serem péssimas descrições.

A primeira nos faz pensar a respeito de algo: por que fazer uma comparação se podemos dizer exatamente a altura de alguém? Por que não falar logo a altura exata de uma pessoa em vez de dizer que ela era alta como uma geladeira, ou algo do tipo? Bom, a resposta é simples, trata-se de uma questão de imagem mental.

A escrita criativa é uma arte semelhante a pintar um quadro diretamente na mente do apreciador. Sua descrição irá ajudar a criar uma imagem. Para que um leitor possa formar essa imagem, é preciso ter informações em aberto para preencher a imaginação, ou seja, informações não exatas. O número exato da altura é livre de quaisquer interpretações e informações excessivas que nos permitam criar esse tipo de imagem.

Se for dito que uma pessoa tem um metro e noventa, o leitor saberá exatamente o valor, mas ao comparar uma pessoa a uma geladeira, ele terá uma infinidade de informações subentendidas: a pessoa é relativamente alta, robusta, firme, etc. Nas *Crônicas de Gelo e Fogo*, George Martin descreve Gregor Clegane dizendo que seu apelido é "Montanha que Cavalga". Diz que ele veria outro personagem alto da história, Hodor, capaz de segurar uma bigorna como se fosse um pão. Porém, em uma das descrições de Gregor, o autor menciona que seus braços são grossos como troncos de pequenas árvores. Essa comparação não é muito boa em vários sentidos. No sentido poético, pequeno não é uma palavra que deveria sequer estar perto de Gregor, quanto mais descrevendo-o. Sem falar que se trata de um adjetivo abstrato demais. O que é uma árvore pequena? Sabemos o que o autor quis dizer, mas apenas porque sabemos que Gregor é grande; ou seja, o tamanho dele é que está nos dando uma ideia do tamanho da árvore, e não o contrário. Uma descrição mais apropriada, lembrando que esse trecho está sendo contado do ponto de vista de outro personagem, Ned Stark, seria comparar seu braço a uma viga de Winterfell. Carvalhos negros são árvores comumente usadas para fazer vigas. Talvez fosse mais eficiente descrever desta forma:

> "Seu braço era como uma viga de carvalho negro de Winterfell".

Melhor, não? Essa é a diferença que um estudo consistente de escrita criativa e um pouco de pesquisa paralela pode fazer com o seu texto.

Outro problema de descrição que não é tão complicado, e, por isso, não deveria desesperar

#2555. CHIMERA - POR PIPER THIBODEAU

tantos escritores, é o da descrição de mulheres. Qual é o objetivo do texto? As partes do corpo da personagem são relevantes? Dar muitos detalhes desnecessários na descrição de uma mulher são provas de que o autor é incapaz de ver alguém desse sexo como uma pessoa normal. Quando se trata de uma mulher muito bonita, em vez de descrever seu corpo, vale mais a pena descrever a reação dos outros personagens ao vê-la, ou destacar o esforço pelo qual ela talvez tenha passado para estar tão deslumbrante. Também é comum encontrar descrições extensivas sobre a aparência de uma mulher, e, na mesma obra, uma descrição rasa sobre os homens. Por exemplo:

> "Ele era alto e magricela. Ela era linda, com seios avantajados, pele brilhante, cabelos loiros e olhos azuis. Seu vestido vermelho marcava as curvas, deixando-a irresistível aos olhos".

Esse tipo de trecho parece apenas ressaltar a objetificação da personagem, e não aprofundar em suas características. Muitas vezes, temos um personagem principal não descrito, mas uma mulher que ele encontra sem relevância para a narrativa, descrita em quatro linhas. Há necessidade? Existem várias outras dicas a respeito dessa questão que podem ser facilmente encontradas na internet e talvez até mereçam um texto à parte. Por enquanto, vamos voltar aos fundamentos dos problemas de descrição.

Também podemos falar das descrições que envolvem comparações redundantes. Ocorre quando explicamos algo que já se subentende por informações anteriores e é provavelmente um dos problemas mais comuns nas descrições. Metade do estudo da escrita criativa envolve saber filtrar a escrita para torná-la ágil e objetiva para o leitor. Se for feita uma descrição explicando algo que o leitor já sabe o que é, qual é o propósito?

É na descrição que, muitas vezes, o autor deixa escapar interesses pessoais. Os que gostam mais de castelos descrevem melhor os castelos, os que gostam de navios o fazem com navios. É importante lembrar que se você tem um objetivo específico com a descrição do que quer que seja, então, não poupe detalhes. Chame a atenção do leitor para aquilo.

A segunda metade do estudo da escrita criativa envolve permitir que o escritor saiba quais palavras usar para alcançar a sensação que ele quer passar para o leitor. Dessa forma, não são necessárias longas descrições para que o leitor sinta o que o autor quer passar, mas sim, a escolha adequada das palavras. Para ajudar nesse quesito, é possível encontrar inúmeros dicionários de sinônimos e até mesmo de metáforas. Ter as ferramentas certas é essencial para uma boa composição.

BAPHOMET FALLS - POR NIGHTGROWLER

[novo OLHAR]

Inícios. Conforme a quantidade de textos que recebemos aumenta, fica cada vez mais difícil se concentrar na leitura daqueles que não possuem bons inícios. Já falamos muito a respeito do que é um bom início e, provavelmente, falaremos muito mais. Onde, quando, como, por quê; em um conto, que é justamente uma obra curta, quanto mais rápido o autor responder a essas questões, melhor.

Lentidão. Um conto com narrativa arrastada desanima o mais ávido leitor. Isso não quer dizer que não se deva descrever bem as cenas, mas sim, que se corte informações desnecessárias. Em um conto, se não há relevância narrativa na cor do cabelo do personagem, o que se ganha inserindo-a? Trechos como "Maria era linda, olhos azuis como o céu" não aprofundam o personagem, apenas o tornam superficial. Porém, algo como "Maria tinha um olhar reluzente que cativava todos à sua volta", define muito mais a essência do personagem.

Repetições e abiguidades. Na língua portuguesa, o pronome possessivo é um problema. "seu", "sua" e "suas" dão muita margem para frases de duplo sentido, por exemplo, "Carlinhos formatou o computador do Júlio. Seu PC estava limpo". Neste caso, o leitor pode interpretar que o PC limpo fosse o de Carlinhos, mesmo que, devido à informação anterior, seja possível concluir que se refere ao de Júlio. Ambiguidade, exceto se proposital, deve ser tratada como uma falha narrativa.

Mostrar, não contar. Cuidado ao descrever a emoção que o personagem está sentindo. Ao determinar o que o personagem sente, o escritor bota o sentimento do leitor para escanteio, o que pode ofuscar a oportunidade de se identificar com o personagem. Além disso, "João se sentiu triste", por mais que pareça agilizar a narrativa, empobrece o texto. Algo como "João se encolheu, cobrindo o rosto com as mãos" soa melhor e proporciona ao leitor interpretar o personagem, em vez de ser guiado pela definição do narrador.

Profissionalismo. Cada vez mais, os contos recebidos respeitam a proposta da revista e o nosso edital de envios. Isso, somado à qualidade crescente no uso da língua portuguesa, demonstra uma tendência dos escritores em investir na profissionalização.

Autoras. Houve maior número de autoras mulheres enviando seus contos, mas, ainda assim, permanecem como minoria. Essa diferença precisa ser confrontada, pois, é somente tentando que se ocupa e alcança novos espaços. Continuem a investir, a literatura é espaço de todos!

Reconhecimento. Temos recebido bons feedbacks dos autores quanto às revisões feitas para os contos publicados. Isso mostra o amadurecimento dos escritores em geral, pois confiar seu texto ao olhar de outros profissionais permite que o autor entre em contato com dicas e críticas que podem melhorar não só a obra, mas seu trabalho como um todo; afinal, o crescimento e a aprendizagem nunca terminam.

MITHOS

Nosso diferencial é querer dar prioridade àqueles que querem seguir carreira artística. Queremos nos tornar um outdoor de futuros grandes autores. E, por isso, essa não é a última vez que você irá ouvir falar dos escritores que publicamos. Além das atualizações constantes em nossas redes, agora você pode conferir e acompanhar a carreira de todos os nossos autores por suas páginas de perfil em nosso site. Clique aqui e descubra mais!

Nesta edição

Os contos a seguir vão despertar seus receios obscuros, seus medos desconhecidos e sua capacidade de reagir. Descubra o evento mais importante e sombrio do ano em *A feira dos quebrantos*, de Simone Saueressig; acompanhe, em *Confidencial*, de David Ehrlich, o relato de um homem direcionado, mas inconsciente ao futuro que lhe aguarda; siga uma investigação obscura em *Os manequins*, de Rafael Brazil Alpiste; questione a realidade em *A mulher de branco*, de Thaís Silva; e reflita sobre as consequências de suas escolhas em *Os filhos de Masaki*, de Samanosuke Tashiro.

Ao final, o tema ainda segue. Revisitando autores já publicados conosco, o levaremos a vivenciar o desespero do apocalipse urbano com *Era só mais um dia*, de Davi Busquet, e a repensar os rumos da sobrevivência, com *O último voo do Capitão*, de Anderson Rodrigues.

Clique aqui e envie seu conto!

A FEIRA DOS QUEBRANTOS

Simone Saueressig

para Bráulio Tavares

É difícil definir. É uma mistura de luz e temperatura. E cheiro também.

O primeiro dia de outono.

Não adianta olhar o calendário, ele não está lá. Nem na cor das folhas das árvores, embora elas o saibam, ainda melhor do que nós. O equinócio é uma bela data, muito marcante, ademais. Mas o primeiro dia de outono não é o equinócio. Não está determinado pela hora de Greenwich. Ele simplesmente é, e se acabou.

Em Balaio Branco, sabia-se. De repente, as pessoas se olhavam e sabiam. E sorriam. E tremiam. E esperavam.

Era noite de circo.

Quando o crepúsculo — o primeiro crepúsculo do outono — começava, todas as portas e janelas se fechavam. O vilarejo era tão pequenino, que a única igreja local não tinha pároco e ficava fechada na maior parte do ano. As portas sagradas se abriam só para batizados, casamentos e enterros, o que era uma pressão a menos para a comunidade, nesse dia. O último padre residente, novo na paróquia, no seu primeiro outono, ousou a igreja aberta, tocou o sino, ameaçou rezar a missa do fim de tarde. Pediu para ser transferido no dia seguinte. Ninguém estranhou. Tampouco acudiram os gritos que encheram a nave vazia de ecos aterrorizados.

Em Balaio Branco, as pessoas sabiam a diferença entre "superstição" e fato.

O fato é que mal o sol do primeiro dia de outono desaparecia no horizonte, ouvia-se, para os lados da Sanga Morta, que era um antigo olho d'água virado em lamaçal, o ruído dos trabalhos. As mães prendiam os filhos em casa, mas sempre tinha(m) algum(ns) que escapava(m) para ir olhar.

Os diabretes trabalhavam duro.

Eram pequenos, do tamanho da canela dos meninos e da cor da lama de onde emergiam, arreganhando os dentes e já atarefados. Não pareciam fortes, mas, se encontrassem algum dos moleques escondidos nas macegas, montavam nele com força cavalar e o obrigavam a trabalhar no seu lugar, enquanto espicaçavam o menino com a ponta de suas caudas — chicotadas bem dadas nas panturrilhas que, em seguida, se enchiam de vergões doloridos e cortes sangrentos. Os demais diabretes mostravam a dentadura afiada, invejosos do colega em sua besta de carga, o menino, e quando e se pusessem suas garras afiadas nele, o destroçavam sem dó.

Enquanto isso não acontecia, iam erguendo o circo. Primeiro as estacas, lápides que pegavam do cemitério atrás da igreja, depois, cordas trançadas com mortalhas e cabelos. A estaca central era sempre aquela árvore morta no meio do lamaçal. E, então, vinha a parte realmente dura, realmente difícil: erguer a lona. Pois é que a lona estava sempre submersa na lama, e não era apenas o seu peso que precisavam erguer, era, também, o da terra e da água sobre ela, o acumulado das chuvas e enxurradas do ano inteiro.

Os braços se retesavam, as costas se distendiam, as caudas dos diabretes estalavam e o sangue corria. Humano e não humano.

Quando a lona estava alta, outros diabretes, às vezes, também montados em meninos, apressavam-se em colocar as estacas laterais, feitas de ossos que ninguém sabia do que eram, se de gigantes, ou o quê, mas o fato é que eram brancos e eram ossos. Velhos. Roídos em algumas partes. Velhos ossos inumanos, roídos por velhos dentes inumanos. E, por fim, a lona lateral se derramava, sombria e espessa como névoa na noite fechada, e, quando o

céu se cobria de estrelas — pois em Balaio Branco ainda era possível ver um céu coberto de estrelas — o circo estava pronto e subitamente as luzes se acendiam; vaga-lumes, talvez, aprisionados em lanternas grandes. E por um momento, os meninos podiam sentar na grama e admirar o que tinham ajudado a levantar. Um sorriso amplo vinha brincar em seus lábios, tão parecido com o dos diabretes que ninguém se espantaria se caudas pontudas estalassem atrás deles. Era assim que o circo chegava.

Nas horas que precediam a meia-noite, enquanto os rangidos de dentes, gemidos, batidas e gritos se espalhavam pela Sanga Morta, Balaio Branco parecia adormecido. Janelas e portas fechadas, as trevas em cada casa. Mas, à medida que a hora embruxada se aproximava, a pequena vila começava a se movimentar. Luz escapava dos basculantes das cozinhas, escapulia das frestas das janelas dos quartos, relampejava nos banheiros. Ouvia-se o som das duchas, sentia-se o aroma de café recém-passado em algumas casas, de ceia tardia em outras. E assim que o relógio da professora Alma — um sisudo relógio de lareira, a caixa de cedro e o mostrador de porcelana barata — dava à hora cheia, com seu toque suave e melodioso, era quase automático que as portas das casas se abrissem e, delas, saíssem os moradores, já prontos para a melhor noite do ano. Ultimamente, o relógio da professora Alma tinha sido substituído pelos celulares, mas dificilmente as pessoas mantinham exatidão ao acertar os aparelhos, e havia celulares que tocavam minutos antes ou minutos depois. Não que fizesse diferença, no que dizia respeito aos minutos depois. Mas ninguém queria se adiantar em tão delicada situação e se ver na mira de alguma sombra escorregadiça e faminta que, porventura, estivesse pelas duas ruas calçadas do vilarejo, servindo de vigia ou arauto. Ao mesmo tempo, ninguém queria chegar atrasado e perder qualquer uma das atrações. Então, esperar o relógio da professora ainda era a melhor opção.

À meia-noite em ponto, Balaio Branco saía para se divertir no circo.

Junto à bilheteria vazia, o mestre-de-cerimônias esperava a todos com um grande sorriso, levando a sério a máxima de "eu não chamei ninguém", mas afirmando de todo o coração que não tinha, "a casa é de vocês". Lembrava, a cada grupo, a única máxima daquela feira de trevas:

Era proibido dizer uma frase que começasse com "eu quero" e terminasse com algum objeto de desejo. Só isso. O restante era tudo gratuito, tudo permitido, fosse o que fosse.

Havia a ala das jaulas. Um enorme mapinguari rosnava contra as grades, sua bocarra dentuça no meio do corpo e as garras esticadas em busca do de algum distraído. Duas mulas-sem-cabeça dividiam um cercado amplo, a primeira jorrando fogo do Inferno pelo pescoço cortado. A segunda era a predileta da petizada: o fogo ardia em sua cauda e, do pescoço degolado, emergiam o esôfago, a traqueia e alguma vértebra que se revolvia na musculatura exposta, como um verme branco na carne ensanguentada. Uma beleza de nojo! Noutro espaço, uma boitatá, aborrecida, se avolumava em um grande recinto de vidro. Não se movia, mas de vez em quando sibilava com sua língua negra e peçonhenta, entreabrindo os olhos de fogo, para delírio dos que tinham paciência para esperar por isso. No restante do tempo, parecia uma fogueira fria e azul e quase não chamava atenção. Em outra jaula, muito reforçada, um enorme cervo, com a pele e a gigantesca galhada brancas, andava de lado a lado, muito inquieto, fixando terríveis olhos luminosos nos visitantes. Para os pequeninos, um boi, alegre e colorido, trafegava entre os visitantes, sacudindo estrelas e flores do lombo, removendo as aspas enfeitadas com mais cores que um arco-íris. Houve um ano em que trouxeram um tanque com um monstro de formas humanas e escamas de peixe, boca viscosa e garras afiadas, e ele quase devorou uma menina um tanto tola, que escapou da mãe para poder vê-lo mais de perto. Noutra vez, o tanque estava totalmente cheio de água e havia uma serpente branca cuja cabeçorra descansava na beirada, exibindo um único olho multicolorido. Todos os anos, aparecia um representante dos equinos, mas nunca era o mesmo: certa feita, um macho belíssimo, todo branco, de olhos brilhantes

— parecia ser essa uma constante entre vários deles —, em outra, um exemplar tão negro que, nas trevas da madrugada, o recinto parecia vazio. E houve uma memorável noite em que não era um cavalo, mas uma manada inteira, branca, fugaz, flutuante, que rebentou a cerca quando se aproximava a aurora, e estourou entre os visitantes, derrubando tendas, quebrando ossos, pisoteando grávidas e fugindo, por fim, para os lados da Lagoa Grande.

Nas bancas de atrações, havia de tudo: o Primeiro-de-Abril, onde tudo era mentira, o Tiro-ao-Alvo, comandado pelo Pai Chico. No Jogo dos Arcos, era preciso atirar um arco e acertar a cabeça dos diabretes, presos em uma estrutura que lhes deixava ficar apenas com o pescoço de fora. Mas eles não paravam quietos, tentavam desviar-se, e, mais do que pontaria, o jogador precisava ter muita sorte. Na Corrida de Sapos, quem acertava o sapo vencedor podia escolher um breve de prêmio. Na tenda da Cachola, um mancebo boa-pinta levava os homens à bancarrota. Havia a tenda das bebidas, servida pela Mãe-d'Água, e a dos beijus, onde reinava a Cuca, que a cada ano estreava um corpo diferente: aranha, jacaré, velha, mariposa, coisa nenhuma. A Tenda do Beijo era comandada pelo Boto, e normalmente era visitada apenas pelas damas — mas ele não recusava um ou outro rapaz que desejasse experimentar o seu sabor. No Labirinto de Espelhos — extravagância importada e pouco popular —, havia apenas um único espelho de corpo inteiro no meio de uma tenda azulada. A maioria entrava, se olhava, dava uma volta em torno do objeto e saía sem entender nada, mas houve um ano em que uma menina, a mesma que quase foi devorada pela criatura no tanque, teve a infeliz ideia de atravessar o reflexo. Ela nunca mais voltou para casa. Em seu lugar, ficou o reflexo dela mesma, zanzando bidimensional pelo mundo afora, jamais envelhecendo, fazendo sombra ou se deixando tocar. A mãe enlouqueceu e se mudou de Balaio Branco, felizmente, antes do ano seguinte.

Porque ela diria as palavras fatais. Ela diria "eu quero minha filha de volta". E todos a ouviriam. Todas as bocas se arreganhariam. Todos os dentes reluziriam. Todas as línguas silvariam. Todas as ansiosas e velhas fomes.

A tenda central era, claro, a principal atração. Não por nada custara tanto aos diabretes, humanos ou não. Se por fora era uma lona sombria e decrépita sustentada por uma árvore morta, quem adentrava seus domínios se maravilhava de imediato com o que lá havia.

Não eram apenas as palhaçadas do Saci, ou o equilibrismo do Curupira lá no alto, junto aos furos da lona, ou as amazonas fazendo estardalhaço com demonstrações de força e precisão, ou a cantoria roncada da Chibamba dançarina, para o arrepio e medo dos pequenos. Tinha estripulias da Flor-do-Mato, lobisomem se transformando em bichos diversos, depois de se revirar nas cestas que lhe traziam com terra. Matintapereira no trapézio, avoava sem precisar de apoio. E a banda tocava, tocava sem parar, os tambores rufavam — era um espetáculo sem fim.

O mais esperado, contudo, era o Capitão Quebranto.

Esse um era um sujeito vivo metido em um paletó amarfanhado. Vinha sempre no lombo de uma multidão de morto-carregando-o-vivo, que dava a volta no picadeiro, os mortos se revezando no carregamento. A cada troca, ouvia-se o grito de milhares. O ofego. O lamento. Banda alguma conseguia suplantar o brado dos moribundos, e o Capitão Quebrando se retorcia, preso daquele estranho espetáculo. Ele olhava para a multidão e dizia: "Mas vocês que vieram. Eu não chamei vocês, vocês que vieram porque quiseram". E era verdade. E era mentira. Porque ninguém de Balaio Branco resistiria à oportunidade de ver o seu algoz, a razão para estarem todos ali. Eles o tinham escolhido um dia. E agora, eram todos prisioneiros e algozes de si mesmos.

Era um belo circo.

Os visitantes acorriam ao Tiro-ao-Alvo e pediam:

— Duas bolas, se me faz o favor.

Iam ao estande do beijo e diziam:

— Vim para meu beijo.

Sentavam na tenda da Mãe d'Água ou da Cuca e perguntavam:

— Pode me dar uma porção de beiju e uma dose de cachaça?

De vez em quando escapava:

— Eu quero…

Nesses momentos o circo todo se imobilizava, à escuta. Matintapereira no meio do voo, Curupira na corda bamba, os diabretes do Jogo da Argola, Cuca com o prato na mão. Todos ouviam. O Saci, a Boitatá, o Mapinguari. Todos à espera de que a frase se completasse. Mas aí a pessoa se lembrava da proibição e ria, acenava com a mão.

— Estava brincando, só! — desculpava-se.

O circo arfava, o mestre-de-cerimônias redobrava o sorriso cheio de dentes estranhos, o Capitão Quebranto gemia, lamentava, tentava livrar o seu da responsabilidade:

— Vocês que vieram. Eu não tenho culpa de nada.

E a tenebrosa feira de maravilhas seguia sua sina até o amanhecer, quando o galo cantava a alvorada e o sabiá — que não se calara a noite inteira — reaparecia para chamar a manhã. O circo se desfazia ao primeiro raio de sol que varava o horizonte, se desfazia como um sonho e, do nada, as pessoas se viam no meio da Sanga Morta, com lama até as canelas, trêmulas de frio. O gosto do beiju e da cachaça ainda na boca; na boca, ainda a carícia do Boto. Nos ouvidos, o lamento do vivo que os mortos levavam: "eu não tenho culpa de nada".

Isso era sempre e sempre, todos os anos.

Até o dia em que não foi mais assim.

Até o dia em que um moço e uma velha, ele na tenda da Cachola, ela na plateia do espetáculo, levantaram-se de repente e uivaram "eu quero". Porque queriam. Porque ele era jovem e tinha medo de que a vida passasse muito depressa e não tivesse tempo para viver. Porque ela era velha e tinha medo de que o tempo acabasse e não tivesse vivido tudo o que achava que lhe cabia. Ele disse "eu quero vencer" e ela disse "eu quero ver de novo".

E, nesse dia, nesse único instante, o circo ofegou. De repente, sem que ninguém esperasse, as estacas de ossos estalaram e quebraram, a lona de lama se fechou com um ruído de pano molhado, as cercas e barras que protegiam as pessoas das criaturas desapareceram e as luzes se apagaram, todas de uma vez. Houve gritos. Gente fugiu. Poucos chegaram em casa. Os que chegaram, carregaram para todo o sempre a chaga aberta das perdas irremediáveis e dos medos indescritíveis. Despertavam no meio da noite ofegando e tinham certeza de que, nas sombras, as Trevas os esperavam — no que estavam certos.

Balaio Branco desapareceu aos poucos.

O circo nunca mais voltou ali.

Mudou-se um pouco mais para cá, um pouco mais para lá.

Mas volta sempre, na primeira noite de outono. Sem falta.

Simone Saueressig

Simone Saueressig nasceu em Campo Bom (RS), em 1964. Estreou na Literatura em 1987. Tem vários títulos publicados dentro do gênero do Fantástico, como *A Noite da Grande Magia Branca* e *A Estrela de Iemanjá*. Participou de diferentes antologias, como *Duplo Fantasia Heroica 3, Autores Fantásticos* e *Ficção de Polpa: Aventura!*.

CONFIDENCIAL

David Ehrlich

ARQUIVO – CASO 108.916.776/55 – APENAS PESSOAL AUTORIZADO

Registro de memória – Identidade de ciborgue cadastrado (ICC) 21.261.690-8

07/01/55 – 03:20

Vejo o caminhão de guincho, placa LFC3A94, e levanto a mão com meu distintivo à mostra.

— Polícia Federal. Pare.

O guincho para. Aproximo-me do motorista. Pela íris, busco sua identidade. Michel Esteves, 28 anos. Número de identidade 21.916.776-8. Histórico de desacato às autoridades, sem agressão. Pelas roupas, é possível identificá-lo como entusiasta do movimento neopunk. Expressão facial corresponde a aborrecimento e irritação. Possibilidade de agir com desrespeito. Baixa probabilidade de agressão.

— Devo sair do carro?

— Sr. Esteves, preciso que me leve até o Edifício Cillian.

— Isso fica a pelo menos um dia inteiro de viagem.

— A Polícia Federal reembolsará os custos. Agora me leve até o Edifício Cillian, é uma ordem.

O motorista olha para o helicóptero caído atrás de mim e suspira.

— Está bem. Suba.

Entro no caminhão e sento no banco do carona. O motorista segue dirigindo.

— Havia algum humano naquele helicóptero?

— Não, era automático. Só eu estava a bordo.

— Menos mal. Desde que o crime organizado tomou conta daqui, já vi sete helicópteros caídos que nem o seu. No começo, eu até tentava ajudar, mas nunca havia sobreviventes. E depois que topei com uns caras vindo inspecionar os restos e quase tomei um tiro, sempre passo reto. Só um ciborgue que nem você para sobreviver. Faz sentido terem te enviado para cá no lugar de algum humano.

— Minha missão é confidencial.

— Está bem, ninguém perguntou nada. Mas me diga, é só a gasolina que a Polícia Federal irá repor? Porque eu estava trabalhando. Sou de uma agência de reaquisição de carros. Guincho carros de idiotas que não pagam as contas. Não queria fazer isso da vida, mas é um trabalho legal. E eu ia ganhar trezentos mil de recompensa pelo carro que estou procurando. Isso será contado?

— Após completar minha missão, enviarei o formulário para você preencher com quaisquer prejuízos que tenha tido. Depois de preenchido, basta entregar na Polícia Federal.

— Formulários, é? Deixa pra lá.

— Sr. Esteves, pelas próximas cinco horas, estarei recarregando minha energia. É um estado semelhante ao sono humano, porém, do qual poderei ser facilmente tirado ao menor sinal de perigo.

— Está bem. Fique à vontade.

Fecho os olhos e inicio o processo de recarga.

08/01/55 – 08:30

Ligo automaticamente após minha energia ser recarregada. Estou sentado na mesma posição

da noite anterior. Michel Esteves dirige ao meu lado.

— Sonhou com ovelhas elétricas?

— Não, com uma mulher vendo o filho ser acertado por uma bala perdida.

— Espere, eu estava fazendo uma piada. Vocês, ciborgues, sonham mesmo?

— Alguns podem sonhar. Ainda não se sabe por que, mas isso não atrapalha o desempenho.

— Que louco. Nunca conversei assim com um ciborgue. Como será que era na época em que funcionários de serviços essenciais eram humanos de verdade? As pessoas conversavam com eles?

— Não tenho...

— Não me responda, era uma pergunta retórica. Falo sozinho enquanto dirijo. Nunca falo coisas inteligentes, é de tanto dirigir. Mas é a primeira vez que tenho público. Então, uma mulher vendo o filho ser acertado por uma bala perdida? E você está indo ao Edifício Cillian? Esse sonho até um idiota como eu consegue interpretar. Você nunca teve seus sonhos analisados, hein?

— Não...

— Essa foi outra pergunta retórica. Mas deixe-me adivinhar: você está indo falar com Joana Couto. Suponho que não possa me confirmar por ser missão confidencial, mas é óbvio.

— De fato, não posso confirmar.

— Não me importo quanto ao que você quer dela. Só estou te levando porque não quero ser preso de novo. Torço para achar ainda o carro que estou procurando. Isso de reaquisição é parecido com o que você faz. Se o idiota fez besteira, tira-se o carro. É o mais próximo de lei que você vai achar aqui. Mas até isso é uma selva. E um carro com recompensa grande tem muita gente o procurando.

Michel Esteves dirige em silêncio por 02 horas e 17 minutos, até nos aproximarmos de uma loja de varejo à beira da estrada. Michel Esteves estaciona o caminhão em frente.

— Escuta, estamos nos aproximando da cidade. Sendo um ciborgue, vai ter muita gente lá querendo roubar tuas partes. Mas, sendo um ciborgue em uniforme de agente federal, vão querer te destruir. Não tenho apego por vocês; se te despedaçarem vão mandar outro no lugar. Mas tenho apego ao meu guincho, e se sequer arranharem ele pra virem atrás de você, vou encher o saco da Polícia Federal até me prenderem por desacato, e aí vou desacatar de novo na prisão.

— Isso é...

— Não interessa. Caramba, é por isso que odeio lidar com ciborgues. Enfim, estou indo comprar roupas para você se trocar. Não se mostre para ninguém. Vou comprar também café e umas latas de comida para mim. Além de sonhar, você come também?

— Ciborgues não necessitam de comida. Temos nossos próprios meios de conseguir energia.

— Está bem. Estou indo. Fique esperto.

Michel Esteves abre a porta do caminhão e sai.

— Não coma tanta comida enlatada, fará mal à sua saúde em longo prazo.

— Desde quando um ciborgue se importa com o que um humano come ou não?

— Ciborgues...

— Isso foi mais uma pergunta retórica.

Vejo Michel Esteves entrando na loja e me encolho no banco do carona para não chamar atenção. Aproveito que estarei sozinho por alguns minutos para recarregar novamente minha energia até ficar o mais próximo possível de 100%.

08/11/55 – 11:05

Sou despertado por uma sensação tátil de estar sendo empurrado. Imediatamente aponto a palma da minha mão direita na direção de onde vem a sensação e destravo a minha arma manual.

— Opa, opa, opa. Sou eu, Michel. O Sr. Esteves, lembra?

Confirmo através da leitura de íris que o homem na minha frente é de fato Michel Esteves. Expressões faciais indicam medo e preocupação. Ele segura uma sacola com latas de comida na

mão esquerda; na direita, outra sacola com roupas. Sua posição sugere que ele me cutucou com essa mão enquanto eu recarregava. Travo novamente a arma manual e abaixo a mão.

— Queira me desculpar pelo transtorno. Avisei que despertaria ao menor sinal de perigo.

— Percebi. Aqui estão as roupas. Tem um banheiro ali na loja onde você pode se trocar.

— Minha missão requer urgência. Peço para me trocar aqui mesmo enquanto você dirige.

— Está bem. Quem sou eu para questionar? Estou só cumprindo ordens. É isso que faço agora, cumprir ordens. Todos os punks de verdade morreram de overdose 70 anos atrás, os que tentam imitá-los agora são bons cidadãos como eu, que gostam de usar as roupas e ouvir as músicas deles e, de vez em quando, participam de brigas de bar. Depois voltam para suas casas e dormem para, na segunda-feira, trabalharem e fingirem que nada aconteceu. O punk virou kitsch. Somos pessoas que odeiam a polícia, mas também odiamos o crime organizado. Então, o que fazemos? Nada. Menos que nada, fingimos inclusive que não nos importamos, porque soa legal.

Michel Esteves me entrega as roupas e senta no banco de motorista enquanto fala. Liga o carro e prossegue dirigindo enquanto troco de roupa ao lado dele.

— Escuta, você falou que é comum ciborgues sonharem, mas é comum eles falarem durante o sono? Porque você não falou de madrugada, mas falou agora.

— Não tenho informações a esse respeito. Se falei algo que possa envolver o comprometimento da minha missão, ordeno que mantenha absoluto segredo.

— Não sei se envolveu. A única frase que peguei foi “dessa vez eu te mato”. Te diz algo?

— Não tenho informações a esse respeito. Meu sonho foi com a mulher perdendo o filho.

— Sonho recorrente, hein? Eu também tenho os meus. Vocês, ciborgues, são estranhos.

Termino de me vestir. Michel Esteves abre uma lata e come enquanto bebe café e dirige.

Michel Esteves segue em silêncio por 01 hora e 43 minutos. Chegamos à cidade. Vemos lojas tendo suas janelas quebradas e pessoas sendo agredidas nas ruas.

— Olha só. É isso que acontece quando o governo administra mal seus recursos financeiros e assina acordos com corporações para operarem os serviços essenciais. Subfinanciamentos, falta de pessoal e convocações de greves. Uma cidade à beira do colapso e mergulhada no caos. E o que é feito a respeito? Criam-se ciborgues. Não mudam nada, mas ao menos não reclamam.

Michel Esteves dirige em silêncio por 31 minutos. Avistamos o portão de entrada do Edifício Cillian. Um carro passa pelo portão na nossa frente. Placa BSJ7P26.

— A Polícia Federal agradece sua colaboração. Tudo que acontecer a partir daqui será confidencial. Não se esqueça de preencher os formulários para reposição de custos.

— Com sua licença, mas creio que terei que entrar contigo.

— Sua colaboração não é mais necessária.

— Mas não estou fazendo isso pela tua missão, estou fazendo pela minha. Porque o carro que acabou de entrar é justamente o que estou indo atrás. Você quer que eu te largue e toque a minha vida? Pois bem, eu entrar e ir atrás desse carro é tocar a minha vida.

— Está bem. Tem minha permissão para entrar.

Um guarda armado aproxima-se. Com a mão esquerda, liga seus óculos-câmera.

— Identificação.

— Ciborgue ICC 21.261.690-8. A senhora Joana Couto está me esperando. Este é meu acompanhante, Michel Esteves, número de identidade 21.916.776-8.

— Um instante.O guarda espera confirmação da central de segurança do Edifício Cillian.

— Muito bem. Podem entrar.

O portão abre e o guincho o atravessa. Michel Esteves estaciona ao lado do carro que vimos.

— Preciso subir junto. Reaquisição de carro não é roubo. Se o carro pertencer à Joana Couto, e ela me der 300 mil na mão, o carro fica onde está. Se não, teremos uma situação tensa. Estou acostumado, já até encostaram arma na minha testa. Mas olha, queria saber mesmo por que essa lata velha vale tanto.

Entramos no Edifício Cillian e vamos ao elevador. Aperto o botão do 99º andar, onde se encontra o escritório de Joana Couto. Ela está sentada atrás de uma mesa. Sua aparência é igual à mulher do sonho. Sua expressão é de desprezo. Ela fita Michel Esteves, agora com surpresa. Há cinco seguranças na sala. Um escaneamento mostra que possuem armas de choque.

— Finalmente veio. Soube que seu helicóptero foi abatido e estava dando 24 horas para considerar que você foi destruído junto. Mas quem é esse aí contigo?

— Dei carona a esse ciborgue de onde o helicóptero foi abatido até aqui, mas subi só pelo carro estacionado lá fora, senhora. Trabalho na reaquisição de veículos, e o retorno dele à agência está valendo 300 mil.

— Senhora Couto, peço desculpas pelo atraso e por essa companhia inesperada. Caso deseje que ele espere do lado de fora enquanto negociamos...

— Ele pode ficar aqui. O que ele veio atrás está em jogo também.

— Espera, a Polícia Federal também quer o carro?

— O carro pouco importa para eles. É o que está no porta-malas que pode mudar o curso da história deste país. E a Polícia Federal quer negociar. Não é mesmo, meu caro ciborgue?

— Correto, senhora Couto. Quaisquer informações que a senhora tiver sobre o hacker que tem realizado ataques terroristas cibernéticos e roubado segredos corporativos, estamos dispostos a recompensá-la. Sua corporação foi a menos atacada, mas também não saiu ilesa.

— Sim, isso foi uma ótima cobertura.

— Em que sentido a senhora quer dizer isso?

Meus sensores indicam movimento. Antes que possa reagir, quatro seguranças me imobilizam, apontando suas armas de choque. O quinto imobiliza Michel Esteves da mesma forma.

— Sei a origem dos ciborgues que cuidam da segurança, coletam lixo e fazem outros serviços. As corporações não conseguem resolver a criminalidade que geram entre cortes de salário e de pessoal. Então surge uma ideia. Transformar criminosos em funcionários obedientes, baratos e que não reclamam. Cria-se um programa de aversão de conduta. Voluntários livram-se de impulsos violentos. Promete-se torná-los bons cidadãos. E se tornam... Pois viram ciborgues. Suas memórias são apagadas e seus corpos reconstruídos. E as corporações compram ciborgues do Governo Federal. Já me ofereceram, mas recusei. Só estou interessada em um. O que matou meu filho.

— Parceiro, acho que você estava certo de que eu não devia ter entrado aqui contigo.

— Há seis anos, monto um dossiê com ciborgues comprados por todas as corporações do país, hackeando e investigando. 44.382 ciborgues, pessoas que foram presas e desapareceram. O cofre com o dossiê está no porta-malas daquele carro. Mas ninguém corresponde a quem procuro. Eis que vejo que a Polícia Federal lançou um oficial ciborgue. E é você. Mesmo com essas articulações sintéticas. Você tentou matar meu marido e acertou meu filho. Fugiu da prisão para tentar matá-lo de novo, e sumiu com o corpo. E agora está ocupando o cargo dele. Foi por isso que quis negociar só com você. Não por segurança. Para te matar. Então liberarei o dossiê para o mundo inteiro.

Joana Couto tira uma arma de uma gaveta na mesa e a aponta contra minha cabeça.

— E se ele não for quem você pensa?

— Cale a boca. Hackeei todas as informações. Preso em 2049, após matar meu filho. Alegou arrependimento e se voluntariou para aversão de conduta. Fugiu no meio, ao descobrir que meu marido estava indo atrás de

sua gangue. Sumiu com meu marido, mas foi ferido com um tiro de espingarda na cabeça. Foi levado moribundo à prisão, onde se retomou o experimento.

— Mulher, você realmente não sabe de armas, né? Um tiro de espingarda na cabeça faz ela explodir. Se o cara sobreviver, teria ainda que passar por uma tremenda cirurgia facial. E aí podem deixá-lo com a cara que acharem que ele deve ter. Eu sei porque eu mesmo já fiz uma cirurgia dessas. Está bem, quando jovem eu era líder de gangue, admito, mudei minha identidade...

— Ninguém está interessado. Mas o idiota tem razão. Felizmente tenho um leitor de DNA aqui. Basta um pouquinho de tecido orgânico para confirmar sua identidade.

Da mesma gaveta, tira um leitor de DNA, com o qual escaneia meu corpo em busca de tecido orgânico. Enfim o encontra no meu maxilar, e o aparelho inicia a leitura. Após 02 minutos, ele apita, e, ao ver o resultado, Joana Couto grita. Olha diretamente em meus olhos. Sua expressão tem traços de choque, confusão, alegria, medo, carinho. Joana Couto chora.

— O que fizeram com você? Como podem ter confundido você com aquele monstro? Como podem ter te dado o rosto dele em vez de... Sim, claro. Você estava se infiltrando na gangue dele. Lógico que o confundiram. E não se deram ao trabalho de testar o DNA...

Joana Couto me abraça e soluça. Olha para Michel Esteves.

— Quem afinal é você, para ter me impedido de perdê-lo de novo?

— Senhora, creio não ter sido totalmente honesto. Mas te aviso que é porque realmente não me lembrava. Minha memória ficou confusa por abandonar o experimento antes da hora. As coisas me vêm em sonhos. Mas te digo, eu não sou a mesma pessoa daquela época. Não virei ciborgue, mas mudei. Não consigo mais ser agressivo. E mesmo então, me arrependi de ter matado seu...

— Cale a boca. Não ouse falar mais uma palavra.

Joana Couto aponta a arma para a cabeça de Michel Esteves. Ouve-se então o barulho de hélices de helicóptero. Todos olhamos para a janela e vemos três helicópteros da Polícia Federal pairando em frente ao nosso andar. Vemos suas armas sendo ativadas. Uma rajada de balas acerta o escritório de Joana Couto. Uma delas vem na minha direção...

FIM DA TRANSMISSÃO

David Ehrlich

David Ehrlich nasceu na Alemanha, em 1996, e vive em Curitiba (PR) desde os três anos de idade. É graduado em Jornalismo e especializado em Narrativas Visuais. Escreve desde criança, e quer escrever ainda mais, sendo já premiado em diversos concursos literários e publicado em várias revistas, sites e antologias, tanto digitais quanto físicas.

OS MANEQUINS

Rafael Brazil Alpiste

19 de agosto de 1996

Este relato é diferente de qualquer outro que já escrevi e diferente de qualquer outro que virei a escrever. Durante os meus quase 25 anos na carreira de policial, nunca presenciei algo tão assustador. Já estive em casos de rituais com pessoas e animais, em casos de assassinatos bárbaros. Já vi algumas bizarrices, mas presenciar um evento sobrenatural?

Não, definitivamente não.

A delegacia de Tapes do Sul conta com apenas cinco policiais: Eu, Jorge, Marcos, Marlene e a Dona Lurdes (que está na recepção do lugar desde 1964). Cheguei nesta pacata cidade em 1991, cansado da rotina e da corrupção da polícia de São Paulo. Um homem na minha idade já não aguenta correr tanto assim dos lobos cada vez maiores e mais sanguinários. Uma frase dita por um antigo amigo da corporação se encaixa bem aqui: "Um policial velho é como um cão velho; admirável, mas descartável". Com a proposta de chefiar essa pequena cidade, vi a oportunidade perfeita para ter uma vida tranquila.

Fui ingênuo.

No dia 9 de agosto, Dona Lurdes me comunicou sobre o desaparecimento de uma figura conhecida da cidade, Lino "Biruta". Lino recebeu esse infeliz apelido porque vivia falando sozinho pelas calçadas, contando casos sem nexo. Paciente de carteirinha do Hospital Psiquiátrico de Tapes, levava uma vida misteriosa. As pessoas da cidade viviam especulando sobre a origem de sua renda, já que morava em uma casa confortável e aparentemente não lhe faltava nada, apenas juízo. Eu mesmo já havia levado Lino até a porta de casa algumas vezes, mas ele nunca me convidou para entrar. E eu também não fazia questão.

A denúncia do sumiço foi feita pela Luciana, dona da loja de roupas infantis, alegando que Lino, seu maior freguês, já não aparecia na loja há quase duas semanas. Ele ia semanalmente comprar alguma peça de roupa, desde 1995.

Questionei por qual motivo Lino comprava roupas infantis, sendo que não tinha filhos e nem mesmo uma família na cidade. Luciana disse que ele comprava somente roupas masculinas, para um sobrinho que morava em outro estado. Uma resposta plausível, mas que não me convenceu. Resolvi, então, chamar Marlene e Jorge para me acompanharem até a casa do homem. Pensei que provavelmente ele poderia ter ido viajar, mas precisava ter certeza que estava tudo bem.

Um mínimo de adrenalina poderia me fazer bem.

Chegamos na casa um pouco antes do horário do almoço e de cara sentimos um cheiro insuportável de alguma coisa podre. Toquei a campainha por quase dez minutos, mas como não obtive resposta, resolvi entrar e averiguar melhor a situação. Minha ordem foi para que Jorge entrasse pela porta dos fundos, deixando eu e Marlene com a porta da frente.

Quando entramos na casa, o cheiro se acentuou, ficando praticamente impossível de respirar. Cobrimos os rostos com as golas e continuamos pelo corredor que ligava a porta principal até a sala. Marlene lacrimejava, tamanho o desconforto com o odor. Chegamos na sala e chamei por Lino, sem respostas.

Obviamente sem respostas.

A sala — e disso nunca me esquecerei — estava uma verdadeira geladeira. A estante, com uma televisão e alguns livros, estava virada para a parede da janela e o sofá estava ao lado do móvel, com a frente virada para outra parede que tinha um enorme e horripilante quadro, retratando três pessoas nuas agonizando enquanto um descomunal demônio se alimentava de suas tripas. Uma arte de péssimo gosto. Curiosamente, notamos por último os três manequins sentados no sofá.

Eu e Marlene começamos a investigar o estranho ambiente, procurando por qualquer tipo de evidência. Enquanto averiguava o sofá com os manequins, tive a estranha sensação de que um deles havia mexido a mão, apenas alguns milímetros. Pedi para Marlene que fizesse um rascunho da sala com o sofá e os manequins, já que a única máquina fotográfica da delegacia havia quebrado. Enquanto isso, acendi um cigarro para colocar as ideias no lugar.

Marlene desenhou como uma aplicada aluna. O manequim do meio era o menor e vestia roupas infantis. Seu rosto esboçava olhos fechados e um triste sorriso. O manequim da esquerda era o de uma mulher, com uma peruca loura e sem qualquer vestimenta, mas com os olhos arregalados. Já o manequim da direita era apenas um boneco, sem qualquer roupa ou feição, com o mesmo tamanho do manequim de peruca.

No quarto trago, fui chamado por Jorge. Ele estava claramente assustado. Entrei pela porta da cozinha e lá estava o Lino, com a barriga aberta de ponta a ponta, atrás de uma mesa de plástico com restos de uma pizza dominados por insetos. O corpo, já em estado de decomposição, era a origem do cheiro. Juro por Deus que lamentei pelo Lino, que aparentemente não teve chance alguma de defesa. E, que se soubesse, nunca havia feito mal a ninguém.

Quem poderia ter feito isso? Não tinha como formular teorias naquele momento, precisava investigar melhor. Um passo de cada vez. Me aproximei do corpo, enquanto Jorge olhava perplexo do outro lado da cozinha. Não consegui tirar boas evidências na cena do crime, apenas que Lino fora acertado com um golpe certeiro, feito próximo ao umbigo e subindo mais ou menos até o pescoço.

No momento em que eu buscava alguma outra pista, Marlene deu um estridente grito, vindo da sala. Jorge e eu fomos correndo averiguar a situação. A policial informou, pálida, que o manequim de peruca havia levantado do sofá. Jorge esboçou um riso, que logo repreendi. De fato, o manequim feminino estava em pé, mas totalmente rígido. Marlene jurou não ter mexido em nada e ela não teria motivos para mentir. Me aproximei, já com a pistola em mãos, e cutuquei a cabeça do manequim com a ponta da arma. O manequim caiu no chão e partiu-se em dois pedaços, deixando uma poça de sangue. Alguém aqui já viu um boneco que sangra? Tenho certeza que não.

O silêncio do momento foi quebrado com outra situação, ainda mais bizarra. Quando virei para Jorge e Marlene, notei que o manequim sem feições não estava mais no sofá. Questionei-os como não viram a porcaria de um manequim de um metro e oitenta simplesmente desaparecer. Definitivamente estavam mais perdidos do que eu. Ordenei que Jorge voltasse para a cozinha e Marlene fosse investigar o único quarto da casa. Queria ficar sozinho na sala para entender melhor toda aquela esquisitice.

O sangue do manequim caído não tinha nenhuma origem orgânica, já que o corpo era totalmente de plástico. Pensei então que alguém poderia ter colocado uma bolsa de sangue dentro dele para causar esse efeito. O assassino de Lino queria brincar conosco? Era algum tipo de jogo sádico? Tinha alguém na casa e era nosso dever deter o sujeito. Simples assim.

O manequim infantil teve um desfecho

intrigante, mas isso deixarei para o final. Enquanto continuava a investigar a sala, sentia uma desconfortável sensação de estar sendo vigiado. Marlene me chamou com urgência e, quando cheguei ao quarto, a situação já estava totalmente sem pé nem cabeça.

Marlene apontava o revólver para o manequim sem feição, que estava deitado na cama de solteiro. Quando me aproximei, o manequim avançou em nossa direção, com uma velocidade assustadora e, em seguida, pegou a arma de Marlene. Com um único disparo, acertou o peito da policial. Ela morreu na hora. Corri em direção à cozinha para avisar Jorge — era hora de cair fora daquele lugar.

Escorreguei no chão da cozinha e caí de cara, coberto de sangue. Limpei meus olhos e vi Jorge sendo impiedosamente esfaqueado pelo manequim feminino. Levantei, e meu único instinto foi sair daquele inferno. Passei pela sala e escutei o manequim infantil, ainda sentado no sofá:

"Os adultos são malvados! Eles mataram o Lino, nosso criador. e querem se apropriar da carne humana, querem se tornar pessoas reais! Me ajuda, me tira daqui! Por favor!"

Quem garante que o pequeno também não fosse me atacar? Não ia pagar para ver.

Entrei no carro e voltei para a delegacia. Lurdes não estava na recepção. Liguei para alguns contatos pedindo reforço policial e médico. Eles logo chegaram e limparam toda aquela bagunça, com um detalhe: não encontraram manequim algum na casa. Nada! Nenhum vestígio.

Juro, por qualquer ser superior ou divindade que rege nossa existência, que eles estavam lá. Qual o motivo? Qual a verdadeira relação de Lino com o ocorrido?

Um dia descobrirei o que aconteceu naquela maldita casa.

Hospital Psiquiátrico Santa Helena,
Tapes do Sul, 19 de agosto de 1996

Rafael Brazil Alpiste

Rafael Brazil Alpiste é formado em jornalismo e sempre gostou de buscar histórias diferentes para colocar no papel. Com o tempo, percebeu que também gostava de criar histórias totalmente do zero, usando imaginação e influências. O terror e o suspense entraram como agentes principais, dando a oportunidade de explorar os medos reais e os medos inexplicáveis.

A MULHER DE BRANCO

Thaís Silva

Amália nunca entendeu bem o que acontecia, o que eram todas aquelas coisas que ela via, mas o que a intrigava mesmo era a mulher de branco. Desde pequena via pessoas, ou melhor, espíritos que falavam com ela, mas essa mulher era diferente, não falava, apenas observava. E estava sempre com uma rosa vermelha na mão. De certa forma, Amália não tinha medo, sempre foi comum ter a presença da mulher de branco, ou outra qualquer.

À medida que ia crescendo, acontecia com mais frequência. Os espíritos estavam sempre por lá, e isso não a assustava, ela até se sentia protegida na presença deles. Começou a pensar sobre as aparições quando viu a mulher de branco pela primeira vez, não sabia exatamente quando tinha acontecido, mas lembrava vagamente de um dia em que seus pais foram visitar sua avó. Amália tinha 8 anos. Enquanto os pais estavam conversando com seus tios, a menina brincava no jardim. Era por volta de 20h, ela aguardava ansiosa pela hora de ir para casa, estava com saudades das suas bonecas.

O jardim estava um pouco escuro, uma das lâmpadas estava queimada, o que deixava o lugar na penumbra. Amália brincava com as flores da avó, estava cheirando uma por uma, falando como tinham um perfume agradável. Nesse momento, olhou para o outro lado das flores e lá estava ela, parada com uma rosa vermelha nas mãos, olhando para a pequena menina. Ela estava usando um vestido branco, bem bonito, dava para perceber que era antigo, de uma época imprecisa. Tinha os cabelos ruivos, ondulados até a cintura, era pálida, muito pálida. Um olhar completamente vazio, frio como gelo. Parecia ter uns 20 anos, e lembrava sua mãe quando adolescente.

A pequena Amália não se incomodou, pegou uma das flores e disse:

— Olha só como é bonita essa flor, tem um perfume maravilhoso. Ela é muito cheirosa.

A mulher de branco continuou a observar a menina, sem dizer uma só palavra. Nesse momento, a mãe de Amália a chamou para ir embora. A menina acenou para a mulher de branco e correu para dentro da casa.

Durante o caminho de volta, Amália perguntou a seus pais quem era aquela mulher, que, apesar de bonita, era branca como a neve. Eles não entenderam o que ela disse, responderam que não havia nenhuma outra pessoa na casa, disseram que ela devia estar imaginando, que era culpa do sono. A menina resolveu não insistir, estava mesmo cansada e podia ter imaginado coisas.

Depois desse dia, era comum a menina perceber outras presenças e, de certo modo, ela sabia que não estavam realmente ali. Dessa forma, passou a conviver com espíritos sem sentir medo. À medida que ficava mais velha, ficava mais forte, alguns até conversavam com ela, mas a mulher de branco, essa nunca lhe disse uma palavra.

Amália foi crescendo um pouco diferente das meninas da sua idade, conversava e chamava de amigos aqueles que só ela podia enxergar, isso causava certa estranheza em seus pais. No entanto, durante a adolescência, Amália passou a ver menos espíritos, e quase nunca a mulher de branco. Isso a deixava com a sensação de estar vivendo, pela primeira vez, como as garotas da sua idade, fazendo amigos reais.

Certa vez, já com 16 anos, quando já tinha um pequeno grupo de amigas na escola — Ana, Clara, Daniela e Brenda —, as meninas

foram à seção esotérica da biblioteca da escola e descobriram um jogo diferente, que permitia conversar com os mortos. Elas acharam graça, não acreditaram, e estavam dispostas a provar que estavam certas. Queriam provar que não existiam espíritos. Então, combinaram de jogar o tal jogo dos mortos.

— Os meus pais estão trabalhando durante a tarde, minha irmã vai estar na escola, então estarei sozinha, podem ir para minha casa — falou Clara.

— Vamos falar que iremos fazer um trabalho, por isso, iremos logo após a saída da escola — concordou Daniela.

Amália lembrou da mulher de branco. Não queria falar sobre ela, estava com receio de afastar suas amigas, que demorou tanto para conseguir. Queria ser normal, mas não deixava de ter vontade; afinal, buscava algumas respostas, queria entender por que via espíritos, e, principalmente, quem era a mulher de branco que sempre a seguira.

Já estava quase na hora do almoço, era o fim da aula e todas estavam ansiosas pelo que viria pela frente — será mesmo que conversariam com algum espírito? Não escondiam a empolgação.

— Clara, precisamos de uma vela branca, aqui tem alguma? — perguntou Ana.

— Se tiver, está em uma gaveta no armário da cozinha. Venha, vamos lá conferir.

Alguma coisa estava perturbando Amália, como se não fosse certo o que elas estavam prestes a fazer. A menina sentia um aperto no peito, não sabia dizer o que era, mas sabia que algo muito ruim aconteceria. Ela não conseguia parar de pensar na mulher de branco, e qual seria o significado daquela rosa vermelha que sempre carregava.

Enfim, tudo estava pronto, o círculo estava desenhado no chão, a vela estava bem centralizada e acesa, as meninas estavam em volta, todas com um copo de água à sua frente e um espelho no centro. Foi Brenda quem começou a dizer o que estava escrito na página do livro:

— Espíritos que vivem entre nós, estamos aqui para falar com aqueles que amamos, por favor, dai-nos um sinal de sua presença.

Por mais que não falassem nada, elas estavam com muito medo, não sabiam o que poderia acontecer. Esperaram alguns minutos e repetiram o processo, sentindo calafrios. Nada aconteceu, para o alívio de quase todas.

— Sabia que essa história de espíritos era tudo mentira — falou Brenda, decepcionada.

— É, foi uma grande perda de tempo — concordou Ana.

As meninas arrumaram toda a bagunça e cada uma foi para a sua casa. Mais tarde, naquele mesmo dia, Amália estava falando com Clara no telefone antes de dormir, como de costume. Clara, irritada, contava sobre seu namorado.

— Bruno foi levar a irmã mais nova no ballet, e prometeu que me ligaria de volta, mas estou esperando até agora!

Nessa noite, Clara falava sobre Bruno, seu namorado, o garoto havia levado a irmã mais nova para o ballet, ainda não ligara de volta. Amália estava deitada em sua cama, escutando amiga enquanto olhava em um espelho de mão. Clara, que ainda reclamava do namorado, foi interrompida pela amiga:

— Estou vendo um acidente no meu espelho, Clara!

— Do que você está falando, Amália?

— Tem imagens aparecendo no espelho, como um filme. Meu Deus! — Amália grita. — Alguém está atravessando a avenida próxima à nossa escola e vai ser atropelado!

— Como assim, Amália? Você só pode estar enlouquecendo!

Nesse momento, Amália deixou o espelho cair, e, ao lado de sua cama, estava ela, sem dizer nada, segurando a rosa vermelha. A menina desligou o telefone e ficou completamente perturbada com o que via. Por que, depois de tantos anos, ela voltara a aparecer? Será que não era coisa da sua cabeça, que estava com medo pelo que fizeram à tarde? Tentando se acalmar, a menina fechou os olhos e respirou fundo,

mas foi interrompida pelo toque do telefone.

— Alô?

— Amália, a culpa é sua. Você sabia o que ia acontecer e não fez nada para impedir! — falou Clara, entre soluços.

— Clara, calma. O que está acontecendo?

— Você viu tudo no espelho e não falou nada. Bruno está no hospital agora, acabou de ser atropelado com a irmã. Por que você não disse que era ele no espelho?

— Clara, eu sinto muito. Não sabia que era real... você mesma disse que eu deveria estar ficando louca.

— Não, Amália. Você falou com detalhes o que ia acontecer, você sabia.

— Mas eu não consegui ver o rosto. Não tinha como fazer nada. Eu não sabia quem era! Como iria mudar algo que estava acontecendo no meu espelho?

Clara desligou o telefone na cara de Amália.

Naquela noite, Amália não dormiu. Ficou tentando entender o que havia acontecido, e por que a mulher de branco voltara depois de tanto tempo. Resolveu que, no dia seguinte, iria até a casa de sua avó, onde tudo começara.

O dia nem havia clareado direito e lá estava Amália, indo a todo vapor para a escola, queria saber como estava Clara. Foi direto até a amiga, que, chorando, a abraçou pedindo desculpas pelas coisas que disse. Amália não estava com raiva, apenas pediu que ela contasse o que acontecera.

— Depois de pegar a irmã no ballet, Bruno achou que não ia ser preciso atravessar a passarela, já que a avenida tinha pouco movimento, mas ele não viu um carro que estava com farol apagado. A irmã pode ficar com sequelas na perna, pode ficar com dificuldade para andar.

— Eu sinto muito, Clara. A gente não deveria ter mexido com espíritos. É tudo culpa nossa — disse Amália.

— Deixa de bobeira. Não existe essa coisa de espíritos.

Amália estava ansiosa pelo fim da aula, queria ir logo para a casa da sua avó. Ligou para sua mãe e avisou que iria almoçar lá, não deu muitos detalhes. Não conseguia aguentar de tanta ansiedade.

Depois da aula, Amália foi direto para a casa da avó. E, assim que chegou, já foi enchendo a avó de perguntas.

— Essa casa sempre foi da nossa família?

— Sim, minha querida neta — disse a avó, calmamente. — Essa casa está na nossa família há 150 anos.

— E alguém já morreu aqui? — perguntou a menina, que observava sua avó pegar uma caixa de fotografias antigas.

— Bom, minha querida, não estou entendendo o motivo dessa pergunta — disse sua avó.

Amália respirou fundo, estava se questionando por que não acreditava em nada que sua avó falava. Mas, antes que pudesse revelar as suspeitas, notou que estavam acompanhadas. Lá estava ela, a mulher de branco, segurando sua rosa vermelha, olhando para ela com doçura.

— Só quero saber se nesses 150 anos alguém morreu aqui. Afinal, vovó, são muitos anos... — Amália disse, enquanto pegava a caixa de fotos.

— Sim, querida — disse a avó, suspirando. — Há 15 anos, aconteceu uma morte aqui.

A menina empalideceu; olhava uma das fotos antigas da caixa. Lá estava ela, a mulher de branco, segurando uma rosa vermelha, posando ao lado da mãe de Amália. Era incrível como as duas mulheres eram parecidas, a diferença estava apenas na cor do cabelo: uma era loira e a outra ruiva.

— Vovó, eu sei que a senhora não vai acreditar, mas desde criança eu vejo essa mesma mulher, em vários lugares. Ela nunca fala nada, apenas me observa — disse Amália, apontando para a foto. — Quem é ela?

Os olhos da avó encheram-se de lágrimas e, espantada, ela respondeu:

— Amália, você não a reconhece?

A menina negou com a cabeça.

— Há 35 anos, eu tive filhas gêmeas, Helizabeth e Heloísa. — A avó suspirou, enxugando as lágrimas. — Quando pequenas, faziam tudo juntas. Mas, já pela adolescência, se afastaram. Heloísa era pura luz, radiava amor por onde ia, e Helizabeth sentia inveja das coisas que Heloísa conquistava. Certa vez, quando Helizabeth estava estudando fora, Heloísa veio nos visitar e conheceu seu pai. Eles se apaixonaram e ela logo engravidou. Casaram-se, mas seu pai não sabia que ela tinha uma irmã gêmea, já que, como as irmãs não se davam bem, costumavam não mencionar a existência uma da outra.

"Quando Helizabeth voltou para casa, já não pintava mais o cabelo de loiro, o que a deixava igual à Heloísa. No momento em que viu seu pai, Helizabeth também se apaixonou. Ela se passou por Heloísa para enganá-lo; mas, parecendo arrependida, resolveu ir embora logo após, pedindo que nunca contássemos a verdade a seu pai ou à Heloísa.

"Depois que você nasceu, Helizabeth veio nos visitar de novo. Naquele dia, encontramos sua mãe morta, segurando uma rosa vermelha. Helizabeth, que estava com ela, disse que a irmã se assustar com sua presença, tropeçou no tapete e caiu pela escada.

"Helizabeth nos convenceu de enterrar Heloísa no jardim, onde estão aquelas lindas flores. Em seguida, ocupou o lugar da irmã e fez com que nunca falasse sobre isso, alegando que seria o melhor para todos, especialmente para você, que poderia crescer com seus pais juntos, sem saber da tragédia.

Amália não conseguia acreditar no que acabara de ouvir. Entre lágrimas, correu para o jardim. Lá estava ela, a mulher de branco. A mulher passou a mão no rosto da menina com ternura, fazendo com que se sentisse melhor, e deu-lhe a rosa vermelha.

Thaís Silva

Thaís Kelly Rosa da Silva, natural de Belo Horizonte (MG), é formada em letras. Desde muito nova, tinha o habito de criar histórias, principalmente romances trágicos. Para ela, a melhor companhia sempre foi um bom livro. Hoje, sonha com o momento em que publicará o próprio livro, eternizando seu nome na história da literatura.

OS FILHOS DE MASAKI

Samanosuke Tashiro

No distrito de Kamitakai, na província de Shinano, viveu certa vez um samurai orgulhoso chamado Masaki, descendente dos Osagawara, e, por consequência, um membro do clã Tomono, vassalos ainda do clã Takeda, cujo cabeça tinha Masaki em boa conta.

Masaki era um samurai corajoso e honrado, que, criado desde a verde infância para o ofício das armas, não conhecia outra forma de vida; por isso, Masaki, que tinha três filhos homens, não desejava para seus descendentes um futuro diferente do seu: levariam adiante a tradição e os valores iniciados pelo pai e conduziriam o nome de sua família, transmitindo-o às gerações vindouras.

Masaki, no entanto, era um pai cruel, que, por vezes, agia como o mais terrível dos generais, forçando os meninos aos trabalhos de força e resistência que sempre causavam-nos dores e os impediam de se divertirem como as crianças que eram. Somente um dos três filhos de Masaki tinha uma clara aptidão para o ofício do pai, era Iemon, o filho do meio. O mais velho chamava-se Asao e, o mais novo, Genjiro.Asao e Genjiro eram boas crianças; sua mãe, Mitsue, era gentil e sabia controlá-los com sua voz doce e maternal, mas Iemon era cruel, forte e sédulo, sendo, portanto, o favorito de seu pai, que, após muito tempo tentando transmitir a Asao e Genjiro o ofício de samurai, e vendo que ambos eram fracos e frágeis, começou a ignorá-los, dedicando seu tempo e atenção a Iemon somente.

Os dois meninos sentiam a indiferença do pai, mas Mitsue os acalentava e supria a falta que Masaki fazia.

Ali, ao pé de uma montanha, em um campo de trigo, eles viviam em paz, e as crianças, apesar de serem somente crianças, quando o pai não estava, saíam para brincar na plantação de *omugi* que havia pelas redondezas. Masaki não gostava de ver Iemon junto de seus outros irmãos, principalmente a brincar; em contrapartida, Mitsue, generosa, permitia a Iemon que saísse por aí com os outros dois na ausência do pai, e eles costumavam atravessar os campos de *omugi* para brincar em uma casa abandonada a duas milhas dali. Era uma velha casa, cujas portas *shōji* estavam já cheias de buracos, as janelas tomadas por teias de aranhas e a mobília toda destruída. Dizia-se que ali viveu um monge que, antes da velhice, desistira de seu ofício e fora se isolar ao pé da montanha, e contam que naquela casa, antes mesmo do distrito chamar-se Kamitakai, ele viveu por duzentos longos anos, e desapareceu.

As crianças gostavam da casa, e a haviam tomado para si como um palácio. Inocentemente, Iemon apanhava uma vara de bambu que fingia ser uma espada, usando-a contra os irmãos, que imitavam *yōkais* e também outros samurais; Iemon não era uma criança detestável, e sentia, quando longe do pai, imensa alegria em brincar com Asao e Genjiro, e quando em seu teatro era rendido pelos irmãos "monstro", corria pelos campos, a ser perseguido, gritando, "*Bakemono! Bakemono!*".

Mas quando Masaki retornava de suas tarefas, todos esses momentos alegres se apagavam, e Iemon era submetido a árduos treinamentos.

Certa feita, quando os três meninos haviam saído já há muito para brincar e não retornaram na hora costumeira, Mitsue, em desespero, foi até a vila onde se encontrava seu marido e lhe implorou para que voltasse

imediatamente, pois os meninos haviam desaparecido. Masaki, furioso, foi perguntando durante todo o caminho: "E Iemon? Onde está Iemon? Por que ele estava brincando? Iemon?"

Depois de horas de busca, os meninos foram encontrados à beira de um riacho, perto da casa arruinada; eles haviam atravessado o riacho, que encheu ao fim da tarde, impedindo os pobrezinhos de retornarem pelo mesmo caminho. Assim que os encontrou, Masaki abraçou e beijou Iemon, pouco se importando com Asao e Genjiro; e ele repreendeu duramente a mulher: "A culpa é dos seus filhos! Asao e Genjiro são como você... não quero Iemon ocupado com tolices".

Daquele evento em diante, Iemon viveu isolado dos irmãos, mesmo com o pai longe, com medo de causar problemas para os pobres Asao e Genjiro, que sofriam nos braços da mãe o desprezo do pai e o distanciamento do irmão.

Alguns meses se passaram desde então, e Masaki foi convocado para uma missão importante no norte; Mitsue enxergou nisso a oportunidade de reaproximar os filhos, e permitiu que brincassem juntos novamente nos campos de cevada e na casa abandonada.

Masaki, quando retornou de sua importante missão, encontrou toda a sua casa em ordem, e não suspeitando da condescendência de Mitsue com os meninos, julgou tudo ainda sob seu controle. Um dia, enquanto Masaki estava na vila, a trabalho, Asao, Genjiro e Iemon foram brincar na casa arruinada, mas somente Iemon e Genjiro voltaram. E quando sua mãe lhes perguntou, em desespero, onde estava o pequeno Asao, eles responderam:

"*Bakemono! Bakemono!*"

Quando Masaki retornou, Mitsue ajoelhou a seus pés e implorou: "Asao! Asao! meu filho está sumido!" E Masaki lhe perguntou, sério: "e o que fazia Asao?" Mitsue respondeu, apontando para os meninos, assustados: "Brincava com Iemon e Genjiro."

Masaki fechou a expressão e foi deitar-se, dando pouca importância para o filho desaparecido. Mitsue sofreu amargamente por duas noites, acreditando ser sua culpa o sumiço de seu pequeno Asao. Masaki, cruel, proibiu-a de pedir ajuda ou ir procurá-lo. No terceiro dia após o desaparecimento do primeiro filho, Iemon, sozinho, foi até sua mãe, desesperado gritando: "*Bakemono! Bakemono!*" Desta vez, era Genjiro, que, escondido do pai, junto de Iemon, foi procurar por seu *otōto* no lugar em que ele havia desaparecido, e sumiu também.

A cena se repetiu; Masaki deu pouca importância e culpou sua mulher, e acrescentou: "Iemon é forte e corajoso, não me impressiona que não foi ele quem sumiu. A culpa é sua, Asao e Genjiro são seus filhos."

Acontece que Iemon amava muito seus irmãozinhos, e mesmo com medo do *Bakemono*, em uma tarde fria, saiu à procura dos dois, armado com sua *shinai*, e não voltou. Quando Masaki voltou da vila, e não encontrou Iemon, perdeu a cabeça; gritou com Mitsue, furioso, e procurou seu menino por toda a casa, berrou seu nome, mas não o achou. Ensandecido, pegou sua espada, uma lanterna de papel, e foi procurar por seu favorito, na casa abandonada onde sabia que gostava de brincar com seus irmãos. Chegando à casa abandonada do velho monge, Masaki, não encontrou nenhum sinal de seu menino, mas achou algo estranho, muito estranho; eram pegadas grandes, de um pé como se de um humano, e que deixavam a casa, seguindo pela margem lamacenta do riacho, e continuavam... Masaki as seguiu, imaginando aquilo ter algo a ver com o desaparecimento de Iemon. As pegadas o levaram até uma caverna escondida nas montanhas, em cuja entrada, um *torii* apodrecido se encontrava, abandonado e sombrio.

Ele adentrou a caverna com sua lanterna e espada em riste, e chamava pelo nome de Iemon, com a voz embargada de raiva. Não muito tempo depois, caminhando na úmida escuridão da caverna, ele ouviu: "*Otōsan! Otōsan!*" e, pensando ser a voz de Iemon, seguiu os ecos, até que chegou a um fosso escuro e

lá encontrou o pequeno Asao, magro e muito fraco. "Iemon? Onde está?" perguntou Masaki, pouco se importando com o pequeno Asao. "*Otōsan!*" eu não sei! O *bakemono* me pegou!"

Masaki tirou seu filho do fosso e lhe mandou que desse meia-volta, sozinho, para fora da caverna.

E ele continuou: "Iemon! Iemon!", e novamente ouviu: "*Otōsan! Otōsan!*" A voz era de Genjiro, que estava pouco mais à frente, amarrado a uma pedra. Masaki então perguntou: "Iemon? onde está?" e Genjiro respondeu: "*Otōsan*, eu não sei! O *bakemono* me pegou!"

Furioso, Masaki libertou Genjiro e deu a ele a mesma ordem que deu a Asao, e continuou a procurar pela caverna, exclamando, "Iemon! Iemon!" Finalmente, depois de caminhar por mais de uma hora inteira, Masaki, ainda chamando por seu filho, ouviu claramente a voz de Iemon: "*Otōsan! Otōsan!*"

Sem perder tempo, o samurai seguiu a voz de seu menino, que o levou até uma grande área na caverna, onde, para seu espanto, encontrou pilhas de ossos de crianças que se amontoavam assombrosamente. "Iemon! Iemon!" ele chamou, mas sem sinal do menino, a não ser uma voz, de criança, que disse: "*Otōsan! Bakemono!*"

O lugar, até então escuro, iluminou-se com mil chamas azuis, *onibi* que saíram dos crânios das pobres criancinhas mortas, e começaram a dançar uma dança macabra ao redor do homem. Então, uma voz de trovão, assombrosa, ecoou pela caverna: "Quem perturba a morada de Ao-bozu? quem ousa perturbar Ao-bozu?"

E Masaki viu surgir entre as chamas azuis um monge gigante e horrendo, de pele azulada e um único e medonho olho na testa de sua enorme cabeça raspada, em cada uma de suas mãos ele segurava um *vajra*, e sua voz era como a de um abismo, e seu olhar como o de um demônio furioso.

"Iemon?! onde está meu filho?!" gritou o samurai, avançando contra o monge azul. E a voz do pequeno soava triste e langorosa: "*Otōsan! Otōsan!*". Movido pela dor, Masaki golpeou em cheio a volumosa barriga do Ao-bozu, que soltou um berro estrondoso e caiu de joelhos.

A ferida profunda que o samurai fizera abriu-se ainda mais com a queda do monstro, e de seu estômago impuro, despencou, dissolvido no ácido venenoso e fumegante de suas tripas, um cadáver de criança.

Samanosuke Tashiro

Samanosuke Tashiro foi jardineiro e cultivador de flores e bonsais por 60 anos. Escreve para seus netos, contando sobre os demônios e fantasmas que conheceu quando ainda vivia em Okinawa, Japão. Samanosuke é um dos heterônimos do autor Thassio Rodriguez Capranera.

ERA SÓ MAIS UM DIA

Davi Busquet

Ninguém nunca deu muito crédito mesmo a essas notícias por aqui — assim Milto costumava pensar e repetir em voz alta, quando, na televisão, nos jornais e nas ruas os alertas da infecção se espalhavam mais do que a própria doença —, *todo mundo achava que era fake news*. Mesmo quando os lotes da vacina, em fase de testes, produziram os mesmos resultados nas cobaias dos laboratórios da Fiocruz, no Rio de Janeiro, e a praga zumbi se espalhou pela cidade. Ninguém deu ouvidos.

Zumbis, todos pensavam, e riam em seguida, *é só um bando de marginal arrumando pretexto pra causar baderna e assaltar gente de bem!* Contudo, a polícia (que fora mandada para conter a massa de "baderneiros"), os bombeiros (enviados para socorrer os feridos — a maioria mordidos e arranhados) e as equipes de saúde nos hospitais (que receberam todos esses pacientes sem estarem devidamente preparados para tal) serviram como os principais vetores da doença para o resto da sociedade carioca, a qual, em pouco tempo, sucumbiu.

Vacilões — Milto se lembra de ter pensado exatamente assim na época, associando as notícias a bobeiras sem sentido que nunca o atingiriam, como de fato nada o atingira por dois anos, desde que ganhou moral como soldado do tráfico da comunidade da Vila Cruzeiro. Lá nasceu e viveu durante 16 anos — dois dos quais com a pistola 9 na mão, de frente, defendendo o movimento, fosse contra alemão ou verme —, até o lugar se tornar mais um pedaço do apocalipse zumbi do qual todos falavam.

Agora não dá mais para ignorar, era real, não fake. Milto recorda que passou duas semanas sem dar muita bola para as notícias, afinal, nunca vira ninguém na favela contrair nada — *doença de bacana*, como falavam os parça —, e logo se meteu em um barraco com uma piranha qualquer, quando o patrão deu uma folguinha, e ficou lá, louco na erva e cagando para o mundo. Quando se deu conta, tudo era silêncio. O silêncio, na verdade, era o batidão rolando solto na caixa de som a dois barracos de onde ele estava entocado, o que mascarou os gritos desesperados e ganidos monstruosos que rapidamente devoraram a comunidade, ao som de *taca-taca-taca-taca*.

A vagabunda foi a primeira a se dar mal. Assim que viram que o estoque de erva tinha acabado e que na geladeira do barraco não tinha mais que uma coca sem gás e meia lasanha dura, resolveram buscar alguma coisa. Ela saiu primeiro, e ele olhou para o telefone celular, curioso com o tempo que ficara na farra sem ninguém procurá-lo, nem o patrão, nem os parça, nem ninguém! — ainda não sabia, mas o mundo já tinha desaparecido debaixo de seus pés. Quando travou o celular e o meteu no bolso, se assustou com o que ouviu: do beco lá fora veio o grito, e a vagaba já era.

Para sair de onde estava e chegar ao limite da favela, levou quase uma semana, na qual viu o pior acontecer. Fugiu a maior parte desse tempo, se entocando de barraco em barraco, constatando que quase todo mundo ou já tinha se tornado inimigo — como o pessoal mais religioso da comunidade passou a chamar os zumbis — ou estava praticamente morto de fome, preso sem qualquer alternativa.

Milto encontrou dois parça nesse meio-tempo, mas nenhum deles sobreviveu: não foi difícil ver o que um tiro chamava de atenção em vielas abarrotadas de zumbis. De laje em laje, dia após dia, ele se afastou da área mais zoneada e apinhada de barracos, chegando ao limite do valão, que dava acesso, uns 200 metros depois, ao mercado e aos shoppings da Penha. Fora um trajeto

longo e difícil, que, felizmente, havia chegado ao fim. *Havia?*

Puta que pariu..., ele mentalizou, mirando, do alto da laje onde estava, as ruas que margeavam o comprido córrego de esgoto. Elas estavam forradas de corpos: a maioria ainda se mexendo e gemendo em sua marcha torpe e doentia. O andar débil não o enganava mais: ele sabia que, tão logo algo com cheiro de carne fresca se aproximasse de um inimigo, eles ganhavam agilidade e força imprevisíveis. Um estalar de telha chamou sua atenção para a cobertura da caixa d'água ao seu lado, fazendo com que sacasse a pistola — não a usava havia muito tempo, mas o reflexo sempre o fazia levar a mão ao coldre. A silhueta em plena luz do dia não o enganou, havia alguém ali com Milto.

— Porra, moleque... — praguejou, relaxando, quando viu um garoto escondido em meio ao telheiro que protegia a caixa d'água, ignorando-o logo em seguida, voltou a atenção para a rua.

— Dá não, cara — o garoto disse, se referindo à possibilidade de ir pela rua até o centro da Penha.

Milto fez menção de ignorá-lo novamente, mas algo na voz do menino de 12 anos chamou sua atenção. Olhou para o rosto escuro do fedelho. Pelas marcas nas bochechas, estava chorando havia algum tempo, e também passando fome, apesar de que a última observação talvez nem mesmo tivesse a ver com o apocalipse, mas sim com a condição habitual de gente como aquele moleque. E Milto o conhecia!

— Você é fogueteiro, né?

— Sou... Era... Sou! Olha... — confuso, mostrou o último rojão 12x1 guardado em uma sacola atrás da caixa d'água, ao que Milto imediatamente percebeu a ideia do garoto.

— Show! Pega tudo, moleque. Consegue correr? A gente vai sair daqui.

O plano era simples: atirariam o rojão em uma rua ali ao lado, aguardariam a multidão mais próxima sair, desceriam a rua e entrariam no valão. Com sorte, rastejando na água imunda, não seriam percebidos por causa do cheiro de carne fresca camuflado ao esgoto fedorento. Milto já tinha visto isso dar certo uma vez, com um morador que caiu em um bueiro em meio a vários inimigos. Para o azar do pobre, seu braço fora talhado na queda e o sangue que respingou no chão ao redor do bueiro atraiu os zumbis, sem falar da traição da sua felicidade religiosa exagerada. *Em nome do Senhor! Em nome do Senhor!*, ele gritava segundos antes dos inimigos se virarem e o mastigarem — com ou sem esgoto.

Os fogos espocaram na calçada e nos carros estacionados, gerando um efeito secundário benéfico: o alarme de vários deles dispararam, alguns gritando a todo volume com a bateria que lhes restava: *Este veículo está sendo roubado!* Milto e o fogueteiro riram baixo, sem denunciar sua posição, escondidos atrás do telheiro, até que o bando à beira do valão correu e, confuso, cercou os veículos. Milto desceu primeiro e sinalizou para o garoto, que veio em seguida, carregando a bolsa com o que sobrou dos seus pertences: camisetas, um short, um isqueiro, a foto da avó e um pacote de biscoito recheado. Correram até o valão sem serem notados, pularam na água imunda e aguardaram por alguns minutos, aproveitando para se encharcarem com a água e o lodo grudado nas bordas de concreto.

Milto sustentou bem, mas o garoto começou a tossir, com ânsia de vômito. Lá em cima, na rua, algo se movimentou, e Milto rapidamente apertou a mão suja de esgoto contra a boca do fogueteiro, sentindo em seguida a golfada quente e amarga verter, sujando mais ainda os dois. Felizmente, nenhum dos cadáveres se aproximou. O garoto sossegou, e eles seguiram rastejando na imundície, sempre com os olhos fixos na rua acima.

Andaram sem problemas até o final do córrego e, mesmo sem enxergar nada ao nível da rua, sabiam que estavam na altura do mercado, pois a fachada alta e larga da construção, pintada de azul, amarelo e vermelho, era visível da onde eles estavam. Ficaram parados vários minutos, ouvindo os gemidos que vinham da rua, estes mais volumosos do que no início do valão: o lugar estava fervilhando de zumbis. O rio de merda terminava ali, virando uma manilha larga e escura que penetrava no subterrâneo sob a Avenida Braz

de Pina, bem em frente ao shopping.

Custou um pouco a Milto tentar convencer o garoto a entrar na manilha sombria, e teve que fazê-lo sussurrando, para não chamar atenção, e só conseguiu quando ameaçou largá-lo ali sozinho. Porém, mal entraram na galeria de concreto estreita e baixa e ouviram um *clic* poucos metros adiante na escuridão, o que fez com que parassem, congelados no lugar, temendo um movimento brusco que denunciasse mais ainda sua posição.

O interior da manilha repentinamente se iluminou, assustando Milto, que virou para o garoto e viu o isqueiro aceso em sua mão, com a luz amarela leitosa refletindo o brilho dos dentes brancos do menino assustado. Voltando-se na direção para a qual ele olhava, surpreso, Milto avistou um PM, sentado com as costas apoiadas em uma das laterais da manilha, apontando para os dois a pistola .40 já engatilhada. O policial musculoso, que parecia ainda maior com o colete e o equipamento, ocupava boa parte do tubo de concreto — tinha a pele escura como o fogueteiro, e estava ferido na perna. Vendo que não se tratava de mais zumbis, o policial abaixou a arma, suspirando e deixando-a sobre o colo.

Antes que pudessem conversar, o fogueteiro puxou da cintura de Milto a pistola 9 e apontou para o PM, sem deixar o isqueiro apagar. O policial reagiu, levantando novamente sua arma e deixando Milto no meio do caminho entre os dois canos erguidos. Mesmo sob a luz pálida e tremeluzente, pôde ver a mão do policial levemente convulsiva e vacilante, os olhos piscando em cansaço evidente. *O escroto nem vai conseguir atirar*, pensou, todavia, sem sentir em seu coração o ódio que imaginou que deveria ter nessas situações — assim como tivera em muitas outras semelhantes, em tempos diferentes dos de agora.

— Abaixa essa porra, garoto — Milto sussurrou, ainda que com decisão na voz.

— É verme, porra!

— Abaixa, cacete! — repetiu, arregalando os olhos com autoridade.

Discutiam aos sussurros, enquanto o PM, confuso, piscava debilmente, a testa negra suando e brilhando sob a luz do isqueiro. O fogueteiro baixou a arma e Milto a tomou, olhando em seguida para o policial, como se dissesse *E aí?*, ao que ele também guardou a pistola, com um olhar tenso e cansado. O fogueteiro, agachado, passou com dificuldade por cima do PM e andou alguns metros manilha adentro, iluminando a imensidão insondável com a chama parca do isqueiro.

— Mordido? — Milto apontou para a perna do policial.

— Não. Caco de vidro. Cansado. Cinco dias aqui — a fala entrecortada por sua respiração ofegante confirmava seu relato.

O diálogo entre Milto e Cortês — era o que dizia o nome sujo de esgoto na farda do policial — foi curto e objetivo, mas, mesmo assim, o soldado do tráfico queria mais: apontou para a perna do PM e aguardou. Ele suspendeu a calça até o joelho, mostrando o rasgo, já bem sujo e provavelmente inflamado, mas sem aspecto de mordida. Sob protestos do garoto, que mantinha o olhar de ódio penetrando fundo no policial, Milto tomou seu pacote de biscoitos e o deu para Cortês, que o devorou avidamente.

— Obrigado — ele se limitou a dizer.

Ficaram várias horas ali, no escuro, economizando o isqueiro de Tilico — o fogueteiro, que, após muita insistência, disse seu nome. Somente à noite sentiram-se seguros o suficiente para sair da manilha, quando Cortês declarou ter se recuperado ao menos um pouco para poder andar, embora mancando muito. Ele também contou que deixara sua viatura do outro lado da rua, onde foram emboscados pela multidão de zumbis. Seus colegas morreram no embate, dias atrás, enquanto ele, durante o confronto, acabou caindo no valão e se ferindo, permanecendo escondido até que a oportunidade surgisse.

Não havia, na verdade, oportunidade nenhuma, porém, não podiam ficar ali para sempre nem se arriscar na escuridão da manilha apertada. Logo, a única maneira de fugirem seria a viatura: estava abastecida, com a chave na ignição e um kit de primeiros socorros no porta-luvas — talvez até mesmo mais munição. Se corressem o bastante,

só precisariam derrubar alguns inimigos antes de serem cercados, e, com sorte, já estariam no interior da viatura quando isso ocorresse.

A rua estava clara, iluminada pelos postes que, milagrosamente, ainda tinham energia, mesmo depois de tanto tempo sem manutenção da rede elétrica. Milto e Tilico correram primeiro, seguidos por Cortês, que mancava da perna ferida. Rapidamente, a turba monstruosa perseguiu os dois na dianteira, alarmada pela atenção que eles chamavam com os passos barulhentos de seus chinelos. Conseguiram chegar na viatura mais rápido do que imaginavam, se valendo de um grande vazio aleatório na multidão, todavia Milto demorou a dar a partida no motor frio da caminhonete velha e cheia de marcas de tiros, e, quando conseguiu, lançou um olhar significativo para o fogueteiro, cuja expressão no rosto já indicava suas intenções — sozinhos, ali, sem Cortês, seria fácil abandonar qualquer senso de moralidade que, porventura, ainda possuíssem.

Não tiveram tempo de concretizar o plano, pois foram interrompidos por mãos sujas e descarnadas, que agarraram o pescoço de Milto por trás. Um zumbi no banco traseiro, ainda fardado e com colete a prova de balas, se levantou em meio à escuridão do interior da caminhonete. Sua boca, fedendo a podridão, rapidamente se aproximou do pescoço do rapaz imobilizado e sem a pistola, que caíra em algum lugar no chão do veículo. Tilico, mais jovem e fraco, não conseguia afastar o zumbi, por mais que lutasse, enquanto o companheiro se debatia e asfixiava, em pânico pela falta de ar e pelos dentes apodrecidos cada vez mais próximos de seu rosto.

Um estrondo grave arrebentou o vidro lateral da viatura, lançando fragmentos e pedaços de miolos podres por todos os lados — lá fora, perseguido por uma multidão de mortos-vivos, Cortês encontrou os poucos segundos de que precisava para parar e apontar para a cabeça do inimigo, livrando Milto de seu atacante. Seu deslocamento do valão até ali, embora retardado pelo ferimento infeccionado, fora silencioso graças à sua faca, com a qual eliminou os zumbis em seu caminho.

Entrou com agilidade na viatura, passando para o banco do motorista, empurrando Milto para o do carona e, Tilico, para o traseiro, junto aos restos do inimigo abatido. Ainda se entreolharam por um momento, claramente confessando suas intenções vagamente ocultas. Poderiam (e queriam) atirar uns nos outros, mas, dessa maneira, jamais conseguiriam o que era necessário para sobreviver naquela cidade. Logo, todos se foram, preocupados e desconfiados, imaginando o que mais era preciso acontecer para acreditarem uns nos outros e sobreviverem nessa realidade maligna que estava apenas iniciando.

Era um novo começo, afinal, para cada um dos distintos sobreviventes naquele Rio de Janeiro de matança e canibalismo. Além do mais, quando, na história da sofrida cidade, havia sido diferente?

Davi Busquet

Davi Busquet é bombeiro militar por profissão e escritor nas horas vagas. Autor de diversos contos, ele escreve desde terror e ficção científica até poemas e fantasia, sempre procurando inovar e enriquecer a produção literária brasileira.

O ÚLTIMO VOO DO CAPITÃO

Anderson Rodrigues

Todos os alertas soavam sem parar. Danos severos, pane iminente. Capitão Wuxyu observava atônito sua estimada nave ser consumida pelos danos irremediáveis. Olhou todos os comandos mais uma vez, revisou todas as ordens e conferiu os sistemas. Não tinha jeito, os motores pararam de funcionar, estava flutuando a esmo. Era um dos últimos da sua espécie e, agora, se perderia no vácuo, vagando enquanto o sistema de manutenção de vida ainda permitisse respirar. Era um dos últimos da sua espécie, e agora se perderia no vácuo, vagando enquanto o sistema de manutenção de vida permitisse respirar antes de também falhar.

Saiu da sala de controle e foi à câmara de criogenia, onde havia milhares de cilindros. Por sorte, os danos da nave não chegaram a afetar aquele sistema. Sua missão seria salvar a existência de sua raça.

E.V.A. era uma nave portadora dos últimos espécimes do seu planeta, então, mesmo que tudo desse errado, ela ainda tentaria proteger os cilindros que os continham. Afinal, fora projetada para isso. Mas, claro que o Capitão Wuxyu não esperava que tudo desse errado. Não em seu comando. Ele era o mais capacitado, o mais sagaz e astuto capitão já nascido. Somente ele teria a habilidade necessária para salvar seu povo.

A falha não era sua. Imaginava que havia algum problema na E.V.A., alguma coisa que os engenheiros não perceberam, e só após uma viagem por meia galáxia começou a dar errado. Os propulsores da nave não funcionavam mais, a maior parte dos comandos pararam de responder. Era o pior cenário possível.

Agora estava só, e E.V.A. jamais chegaria ao planeta vermelho ao qual fora destinada. Estavam tão perto...

Fechou a câmara de criogenia. Pediria desculpas àqueles milhares de irmãos que não chegariam a acordar, se não fosse orgulhoso demais para isso. Era uma tragédia que estava além da responsabilidade de alguém, era uma civilização que se extinguiria. Seu alento era que, como capitão, morreria junto com sua nave.

Pelas janelas, pôde olhar o espaço. Saber que seria a última vez que veria as estrelas, e ser o último da espécie que teria essa chance o deixava um tanto melancólico. Os alertas da nave soaram mais uma vez. De onde estava, via um planeta sendo iluminado pela luz de uma estrela próxima, ele era belo.

Aceitou aquela missão acreditando que seria o salvador de sua espécie e poderia conviver com isso. Mas agora seria aquele que selou o destino de todos. Centenas de milhares de vidas contavam com o êxito dessa missão. Os alarmes tocaram mais alto e as luzes voltaram a piscar, mas o capitão ignorou, não significavam mais nada.

Apenas observou as estrelas com mais afinco. Queria guardar essa última visão antes do seu funeral. Ver aquele planeta azul antes do fim causava uma sensação única.

Porém, E.V.A. foi atingida por um meteoro. O impacto destruiu o que restava dos motores propulsores e parte da lateral direita da nave. Tudo começou a girar em um caos de luzes incertas e destroços. Demorou alguns segundos até Wuxyu entender o que estava acontecendo.

O oxigênio vazava e expulsava todos os destroços para fora da nave. O impacto e a mudança de pressão fizeram a nave girar descontroladamente. Wuxyu conseguiu se arrastar até a sala de controle e fechar as comportas. Era

o seu fim, já estava condenado antes, mas nunca imaginaria que o destino quisesse apressá-lo ainda mais.

De alguma forma, conseguiu estabilizar a nave, entretanto, seu problema era outro. O meteoro alterou a rota direto para o campo gravitacional do planeta que ele observara. Não morreria no vácuo do espaço, afinal, e sim em uma grande explosão.

Conferiu a rota de colisão e viu que cairia em um curso de água que atravessava um deserto. Odiava se molhar, mas ao menos reduziria o impacto. Largou de vez os controles e voltou à câmara de criogenia. Sentiu vontade novamente de pedir desculpas e assumir que errou.

A nave começava a esquentar, estava entrando na atmosfera. Mas, para a surpresa do Capitão Wuxyu, a câmara criogênica continuava em pleno funcionamento. Definitivamente, o lugar mais seguro da nave, o único que resistiria a um impacto desses. E.V.A., em seu último sacrifício, ainda queria salvar seu povo.

Ele decidiu se fechar ali. Se fosse para morrer, que fosse junto aos seus irmãos. A alteração de pressão faria ele desmaiar, não veria quando atingisse o solo, e preferia assim. As luzes se apagaram. Tudo se apagou.

***

A bola de fogo que caiu dos céus pôde ser vista de todos os cantos daquele deserto. Os seres que a viram, seguiram sua queda.

***

Capitão Wuxyu estava desnorteado. Mas, de alguma forma, estava vivo. E.V.A. estava destruída, mas conseguiu proteger o capitão e sua carga. Os cilindros agora começavam o processo de descongelamento, e, com sorte, a maior parte sobreviveria.

Ele arrancou os trajes danificados e saiu dos destroços de sua nave. A luz e o calor daquele planeta eram agradáveis, e o ar era adequado. Só depois de respirar um pouco e clarear a visão, percebeu que a nave estava cercada. Dezenas de seres o observavam. Eram grandes, bípedes e sem pelagem. Pareciam semirracionais, ao menos o suficiente para se vestirem de forma grosseira.

Um dos seres que o observava se aproximou. Ele proferiu alguns sons que Wuxyu não conseguiu entender. A criatura estava tentando se comunicar. Wuxyu perguntou seu nome e em qual planeta estava, mas os seres não o entendiam. Por mais que ele falasse, eles só repetiam a palavra "miau", em uma tentativa grosseira de imitar sua língua.

Então, o ser bípede virou para os companheiros e repetiu "Mau!", como se esse fosse o nome de Wuxyu. E todos se ajoelharam. O capitão admirou as grandes construções piramidais naquele deserto, e as pessoas o louvando com oferendas de peixe e leite.

Ele decidiu. Poderia viver dessa forma.

Anderson Rodrigues

Anderson Rodrigues é um baiano dando seus primeiros passos na literatura. Teve sua estréia com um conto na terceira edição da revista Literomancia, após isso, marcou presença em antologias da Editora Cartola.

A literatura não está somente na palavra escrita. Aqui na Literomancia, consideramos literatura todos os tipos de narrativas. Quadrinhos e tirinhas contam histórias e encantam aos leitores tanto quanto contos e romances. Da mesma forma, ilustrações e desenhos carregam complexas narrativas e segredos em cada pincelada, seja o pincel feito de cerdas ou pixels.

Nesta edição

Nesta edição, a Literomancia trouxe os *releases* de três HQs, todas fruto da colaboração de artistas incríveis! A seguir, você vai conferir um pouco da história de cada uma, assim como ter um gostinho das ilustrações internas! Conheça *Alice através do muro*, de Eric Peleias, Luke Ross e Marco Lesko, *Como fazer amigos e enfrentar fantasmas*, de Gustavo Borges e Eric Peleias, e *Ceifa*, de Gabriel Kolbe, Matias Streb, João Gutkoski, Jader Correa e Diego Moreira!

Clique aqui e envie sua arte!

Eric Peleias, Luke Ross & Marco Lesko

ALICE ATRAVÉS DO MURO

"A família de Alice fugiu de um mundo que está até hoje preso nos anos 1980. Agora é hora de voltar."

SINOPSE:

Alice é uma adolescente que não se sente parte do mundo em que vive. Sua cidade, Rosetta, é dividida entre Norte e Sul. Ignorando a proibição de atravessar o muro, Alice vai para o lado Norte, onde descobre que, naquele lado da cidade, ainda se vive a cultura da década de 1980.

Conheceremos uma distopia fantástica com monarcas, caçadores de recompensas, animais falantes e rebeliões; e, claro, é proibido atravessar o muro de volta.

Em sua busca para reunir a família e retornar em segurança para seu lado da cidade, Alice precisará adquirir habilidades, realizar alianças e enfrentar perigos e inimigos, como a guarda oficial, o movimento da rebelião, caçadores de recompensas e um homem capaz de trocar de corpo.

Essa é uma história sobre encontrar seu lugar no mundo, onde quer que ele seja.

A SEGUIR, CONFIRA
ALGUNS TRECHOS DA HQ!

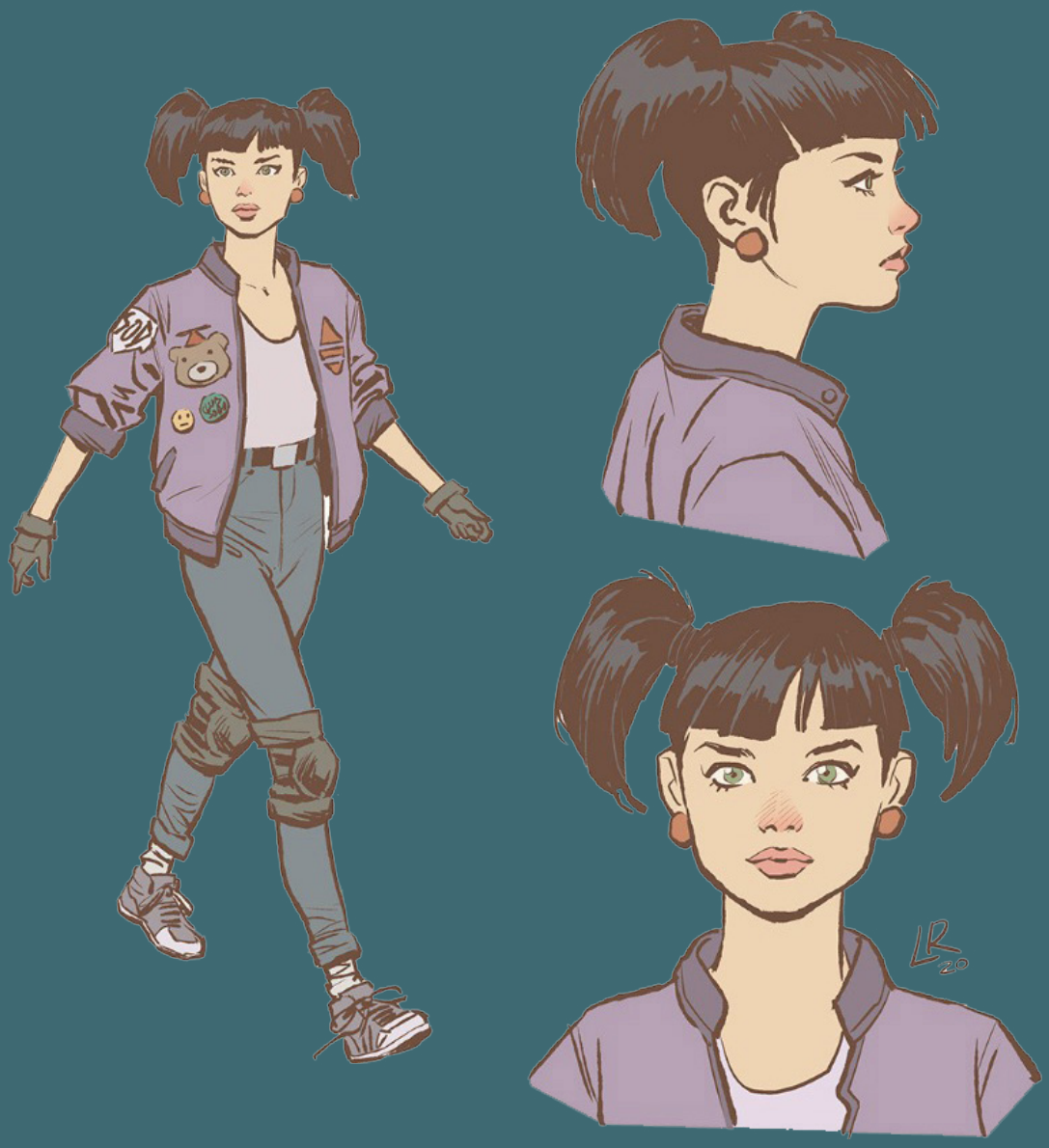
ALICE

ATRAVÉS DO MURO

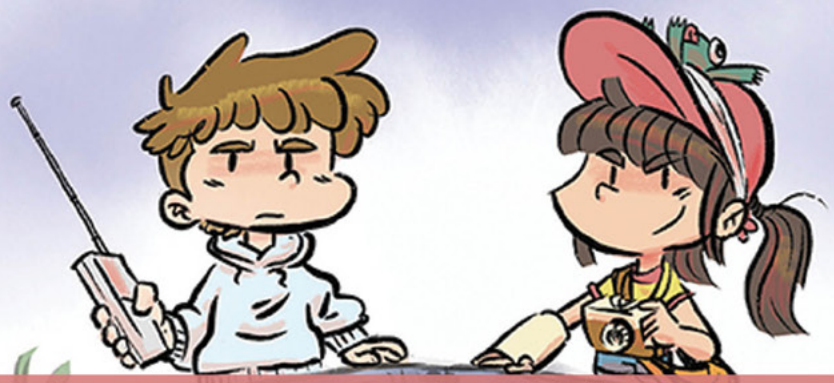
VOLUME UM

Luke Ross
Eric Peleias
Marco Lesko

SIGA
LAGUNITAS
LESCO
+VPL
BIA
FUTUR
1000
ERIC.P.
HEITOR! BEN
PHCQ
FM
LR20
LUNA
F.C.
VIRSU
JA
W.C.
SORRIA!
CLUSHINE
BIC
TANGA!



Ficou interessado?!
Conheça a campanha
do catarse em /alice20!



Gustavo Borges & Eric Peleias

COMO FAZER AMIGOS E ENFRENTAR FANTASMAS

"Leo só quer um final de semana tranquilo.
Olívia quer encontrar fenômenos sobrenaturais!"

Vencedor do Troféu HQMIX - Melhor Lançamento Infantil e do Troféu Angelo Agostini - Melhor Lançamento Infantil, o livro foi publicado de forma independente, por meio de financiamento coletivo pela plataforma Catarse.

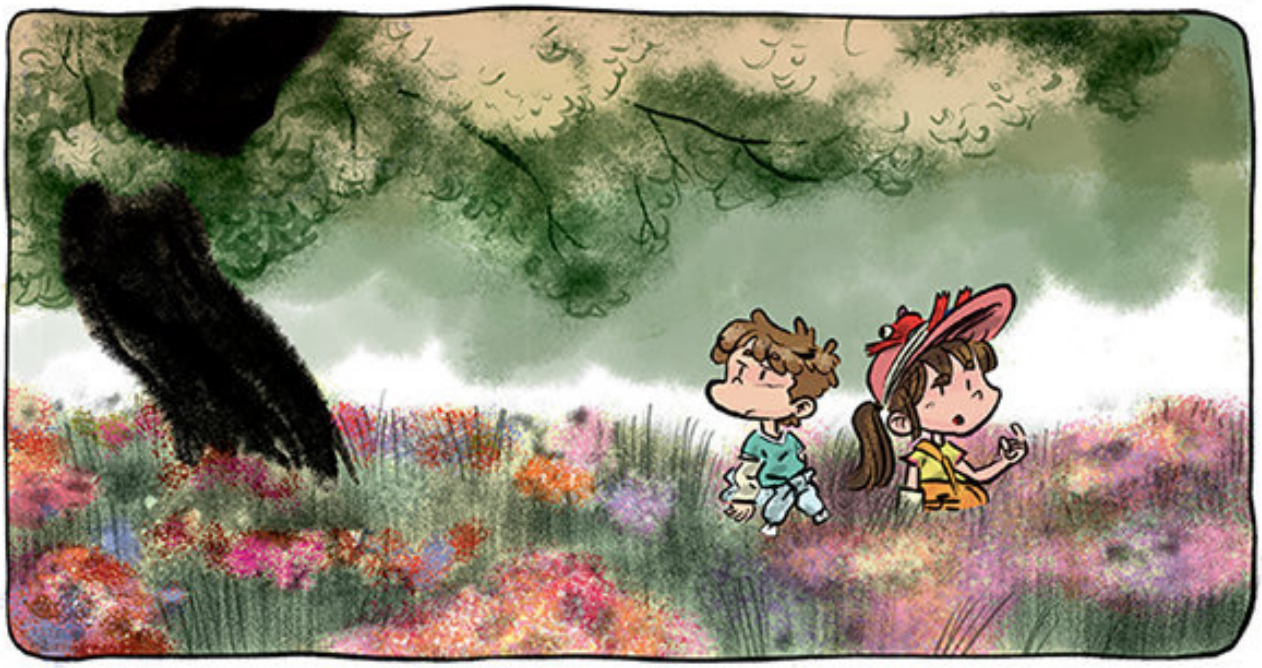
SINOPSE:

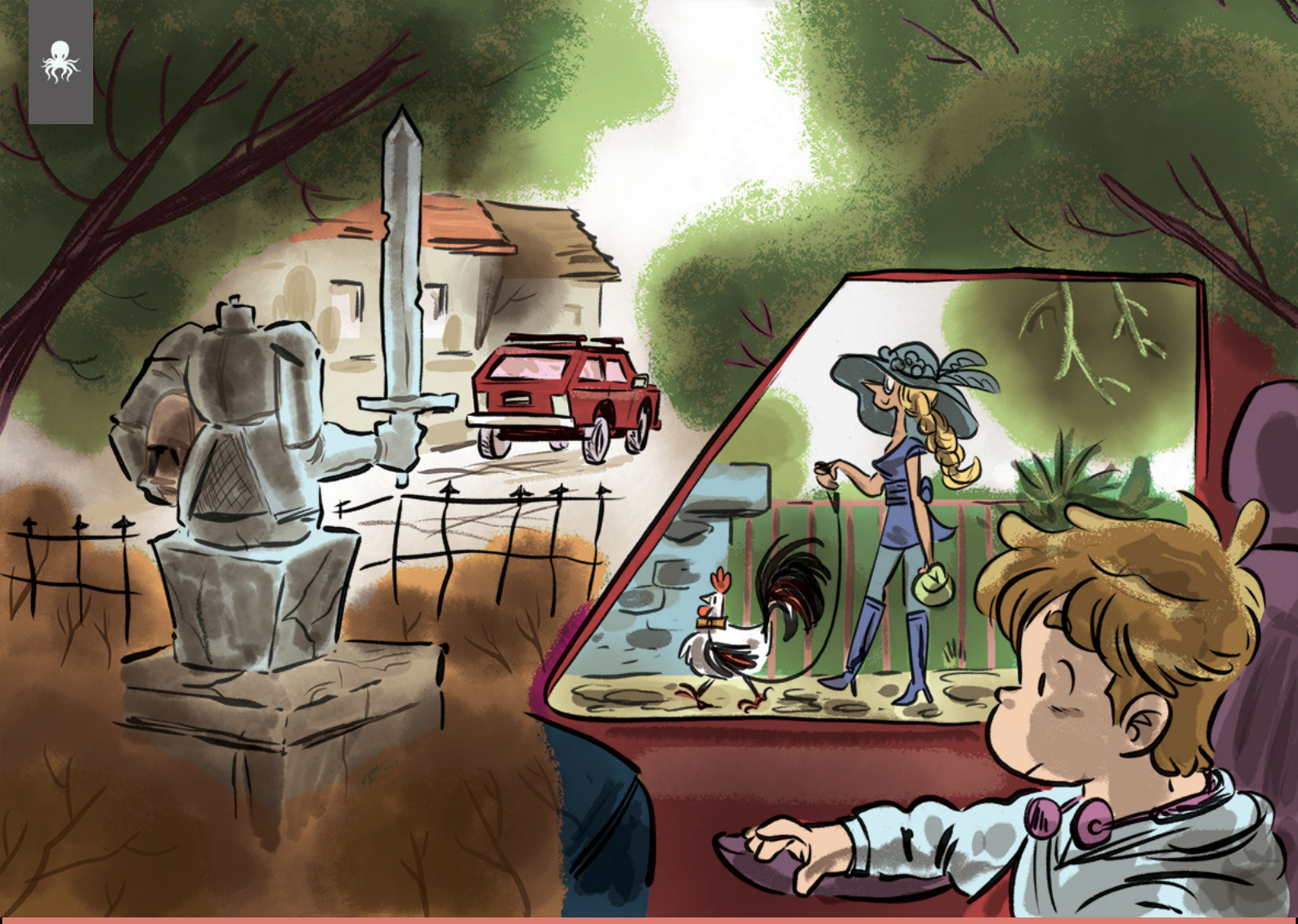
Estamos na década de 1990, em cada casa há uma televisão ligada, e a internet ainda é desconhecida. Duas crianças são obrigadas a passar um dia juntas e decidem investigar se fantasmas são reais ou não. É possível preservar o senso de magia diante das decepções da vida, e, ao mesmo tempo, amadurecer sem perder o otimismo da infância?

Esta é uma história sobre os fantasmas que nos definem ao longo da vida e quais significados diferentes um "fantasma" pode ter. É também uma história sobre memórias, família, amizade, diferenças, semelhanças e, principalmente, amadurecimento.

A SEGUIR, CONFIRA
ALGUNS TRECHOS DA HQ!

GUSTAVO BORGES e ERIC PELEIAS
Como fazer Amigos e enfrentar Fantasmas





Ficou interessado?!
Conheça mais sobre
a obra e os autores
em @gustavoborgesart
e @ericpeleias!

Gabriel Kolbe, Matias Streb, João Gutkoski, Jader Correa & Diego Moreira

CEIFA

Com uma narrativa de ficção científica e fantasia, o quadrinho foi realizada em conjunto por autores que, além de produzirem conteúdos originais, também lecionam no Dínamo Estúdio, inspirando outros ilustradores em suas caminhadas!

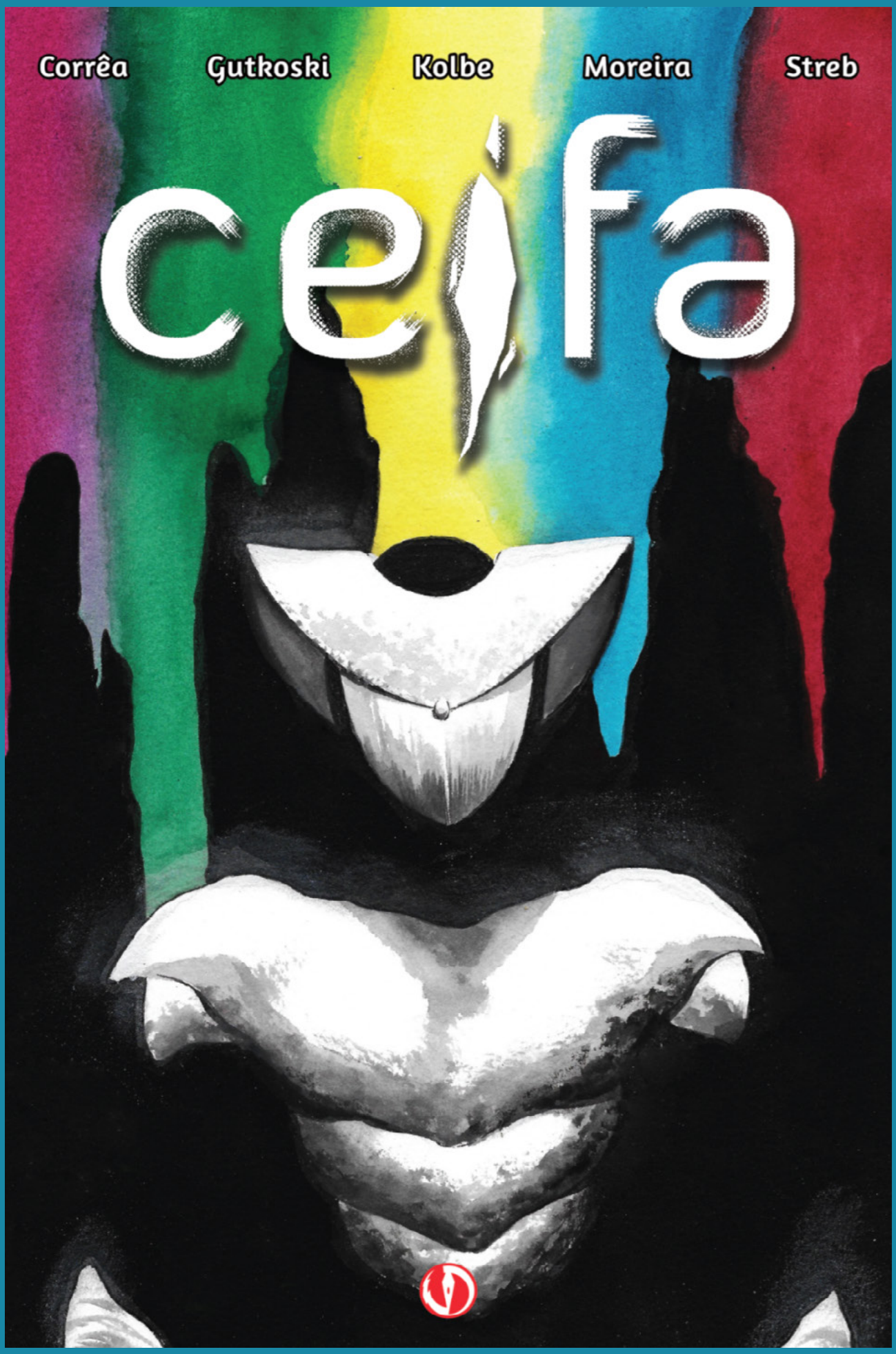
SINOPSE:

Uma criatura misteriosa, chamada de Coletor, atravessa dimensões à procura das últimas peças de sua coleção — a essência de cinco emoções. E, para alcançar seu objetivo, o Coletor não medirá esforços.

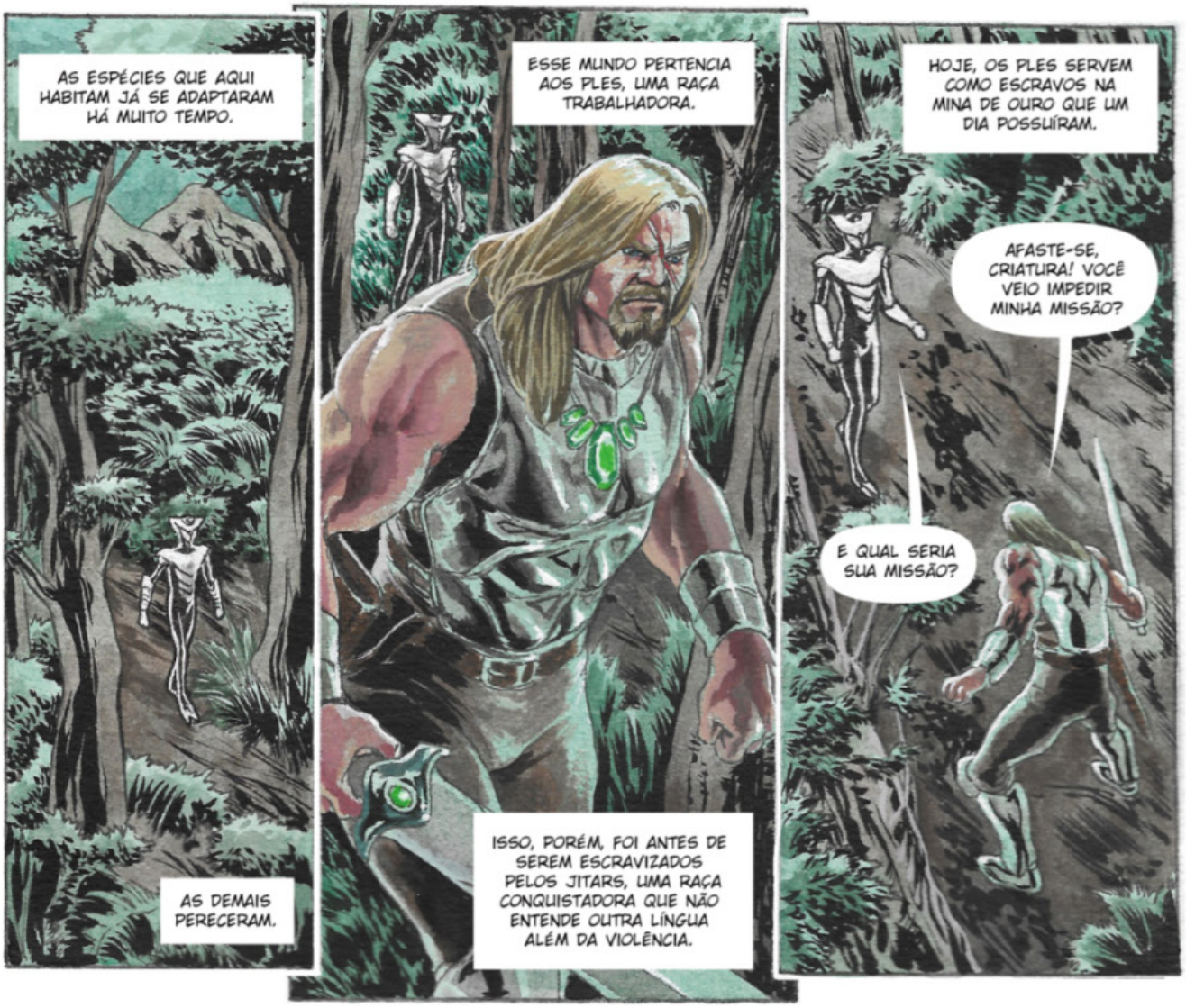
Ao longo da jornada, ele se depara com um guerreiro que alega ser um salvador; um povo que teme uma criatura lendária; uma raça que aguarda o pôr de cinco sóis; um planeta dominado por monstros; e um ser que, na morte do universo, aguarda seu fim.

Confira mais sobre os artistas Gabriel Kolbe, Matias Streb, João Gutkoski, Jader Correa e Diego Moreira.

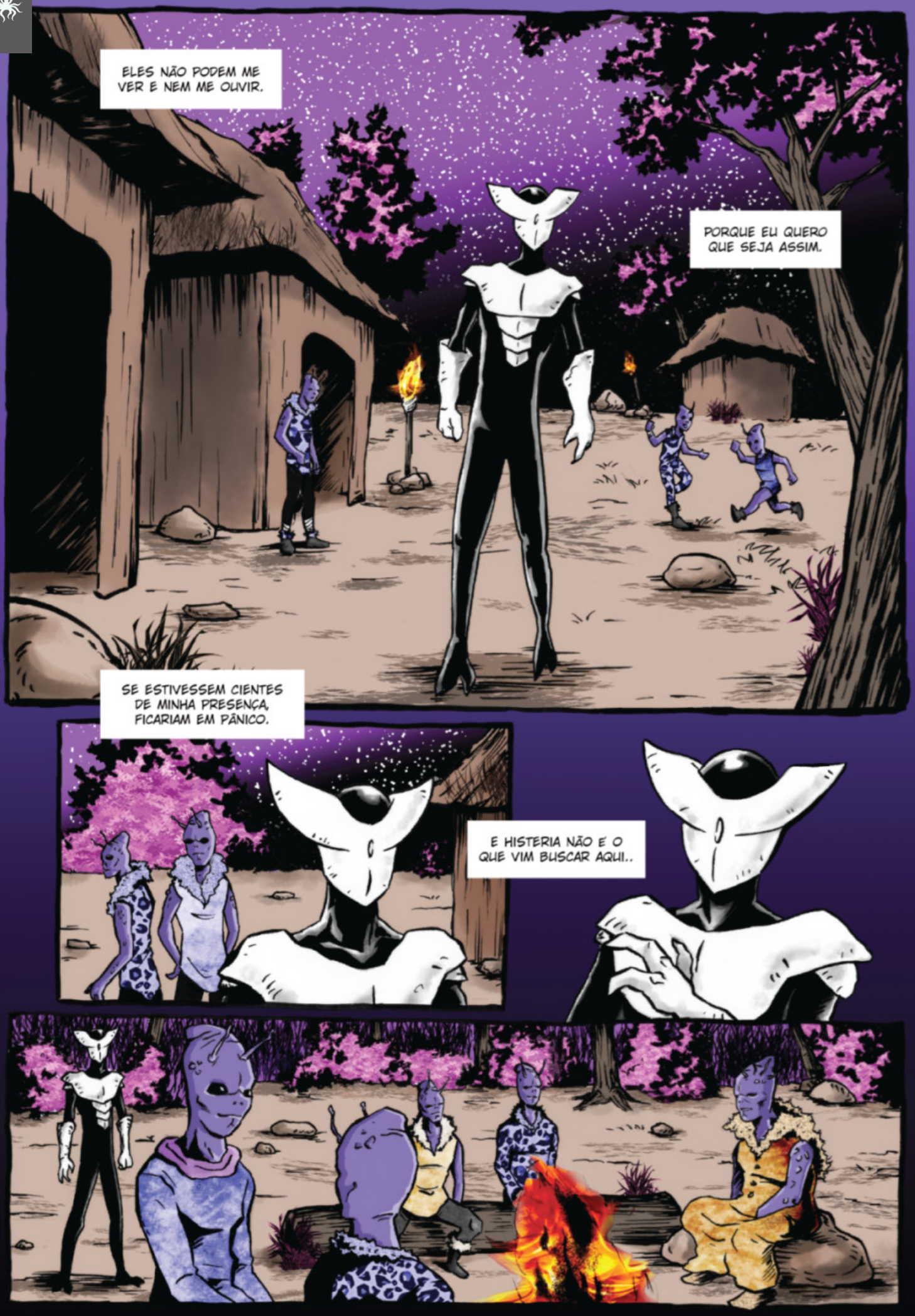
A SEGUIR, CONFIRA
ALGUNS TRECHOS DA HQ!

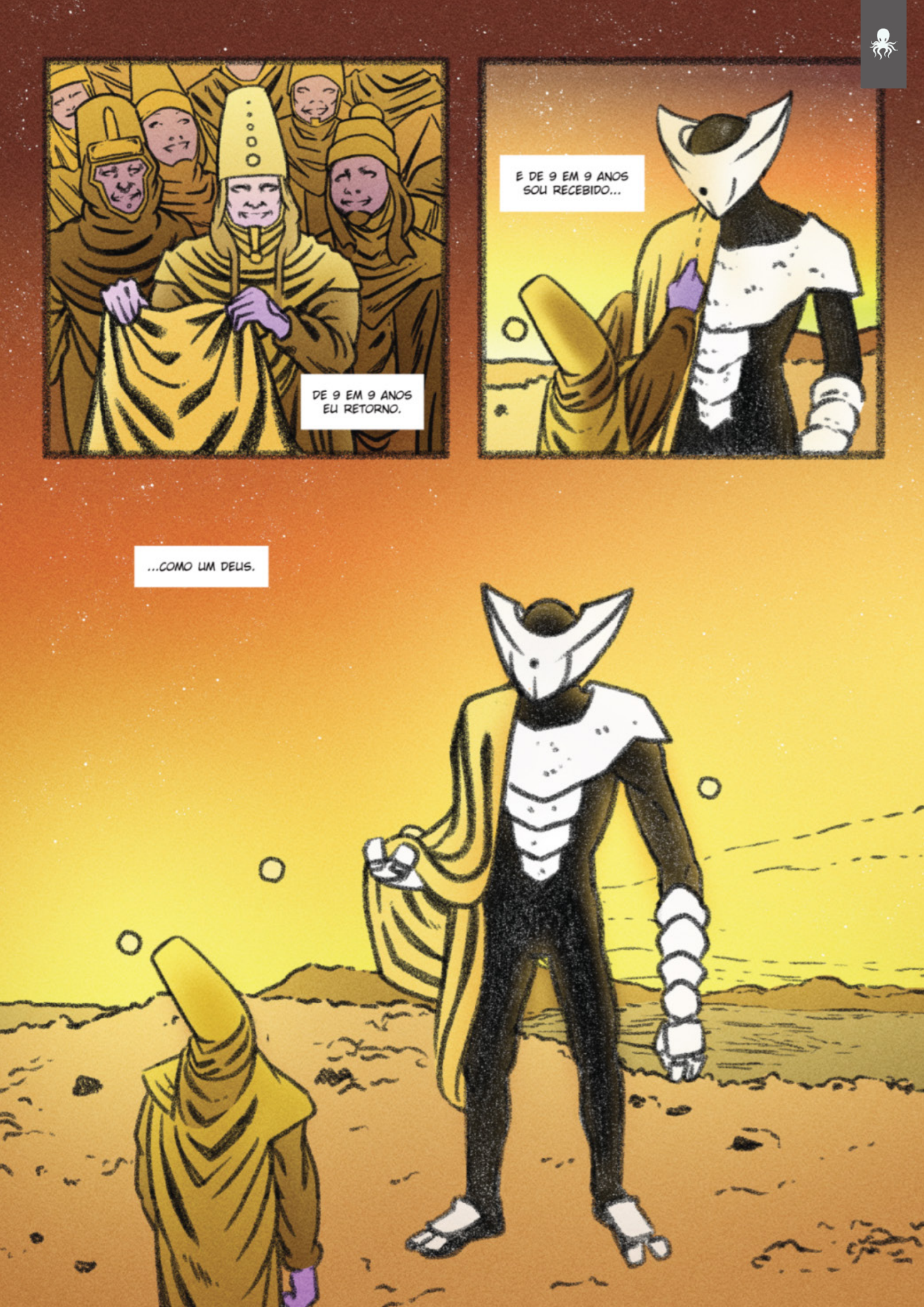

Corrêa
Gutkoski
Kolbe
Moreira
Streb
ceifa

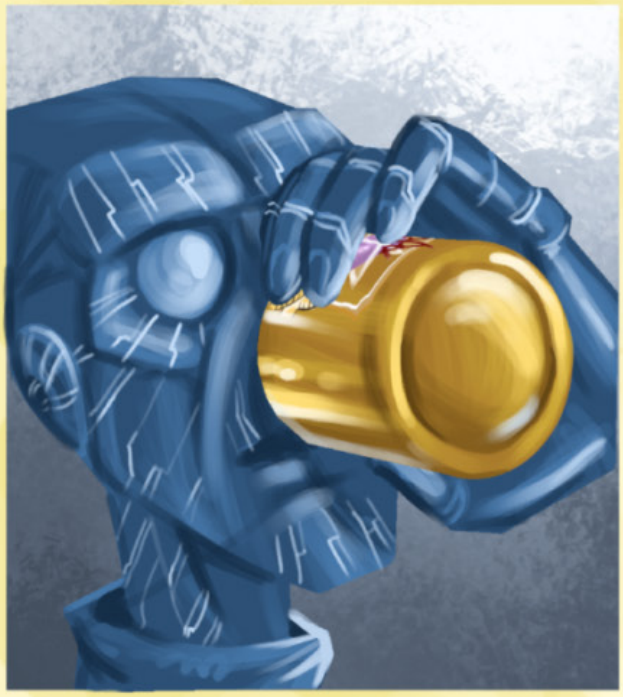
CHLORO.
UM PLANETA DE POUCAS ESPÉCIES.
DEVIDO AO EXCESSO DE OZÔNIO, SUA ATMOSFERA É CONSIDERADA TÓXICA PARA A MAIORIA DOS SERES QUE ENCONTREI EM MINHAS VIAGENS.


AS ESPÉCIES QUE AQUI HABITAM JÁ SE ADAPTARAM HÁ MUITO TEMPO.
AS DEMAIS PERECERAM.
ESSE MUNDO PERTENCIA AOS PLES, UMA RAÇA TRABALHADORA.
ISSO, PORÉM, FOI ANTES DE SEREM ESCRAVIZADOS PELOS JITARS, UMA RAÇA CONQUISTADORA QUE NÃO ENTENDE OUTRA LÍNGUA ALÉM DA VIOLÊNCIA.
HOJE, OS PLES SERVEM COMO ESCRAVOS NA MINA DE OURO QUE UM DIA POSSUÍRAM.
AFASTE-SE, CRIATURA! VOCÊ VEIO IMPEDIR MINHA MISSÃO?
E QUAL SERIA SUA MISSÃO?

EU VIM DESTRONAR OS TERRÍVEIS JITARS! SOU O ÚNICO CAPAZ DE DETÊ-LOS!


ELES NÃO PODEM ME VER E NEM ME OUVIR.
PORQUE EU QUERO QUE SEJA ASSIM.
SE ESTIVESSEM CIENTES DE MINHA PRESENÇA, FICARIAM EM PÂNICO.
E HISTERIA NÃO E O QUE VIM BUSCAR AQUI..


DE 9 EM 9 ANOS EU RETORNO.
E DE 9 EM 9 ANOS SOU RECEBIDO...
...COMO UM DEUS.



DIFERENTE DOS OUTROS QUE ME VIRAM, ELE NÃO EXPRESSA SURPRESA.

QUER UMA CERVEJA?

NOSSA EQUIPE

Conheça a equipe por trás da Literomancia: profissionais que se dedicam para incentivar a escrita e a ficção especulativa nacional, além de trazerem conteúdo diferenciado aos leitores a cada trimestre!

Luana Nicolaiewsky
Editora-Chefe e Diagramadora

Graduada em Escrita Criativa pela PUCRS. Trabalha como editora na +A Educação. Cursou WebDesign e Jornalismo e tem vasta experiência em revisão gramatical e literária. Também publicou em antologia pela editora Bestiário.

Dré Santos
Diretor de Redação

Graduado em Escrita Criativa pela PUCRS. Foi bolsista de iniciação científica em projeto de tecnologia e ficção, além de ser publicado em antologias pelas editoras Bestiário, Metamorfose, Flyve, AVEC e nas revistas Dragão Brasil, Paranhana e Forgotten Magazine.

Marcela Bezerra
Editora, Revisora e Coordenadora de Mídias Sociais

Graduada em Letras Espanhol pela UFPel. Pós-graduanda em Revisão de Textos pela PUC Minas. Trabalhou com produção editorial na +A Educação. Atualmente, presta serviços como revisora e designer instrucional junto a grandes editoras da área da saúde.

Matchuca
Ilustrador e Capista

Trabalha principalmente com pintura digital e tradicional. Ilustrou a antologia *Lovecraft: Re-imaginado*, da editora Diario Macabro. Estuda Design Gráfico, Animação 2D e Produção de Quadrinhos.

NOSSOS SERVIÇOS

A equipe da Literomancia oferece paralelamente serviços personalizados de revisão, crítica, mentoria, diagramação, ilustração e até mesmo elaboração de capas. Porém, deve ficar claro que a revisão dos contos publicados na Revista continua inteiramente gratuita, e a Revista não publicará material que seja produto de nossos serviços externos. Os valores foram preestabelecidos, mas, para todos os serviços, podem ser negociados, a depender da complexidade, prazo, quantidade, etc. Saiba mais em **contato@literomancia.com.br**

EDITORIAL

com Luana Nicolaiewsky

Diagramação (R$5,00/lauda diagramada)
— Este é o processo de transformar seu texto em livro, deixando a obra prontinha para ir à gráfica ou ser publicado *online*.

TEXTUAL

com Marcela Bezerra

Revisão gramatical (R$5,00/lauda)
— Abrange todos os aspectos necessários para o sucesso do autor quanto à norma culta da língua, respeitando o contexto de cada obra.

AUTORAL

com Dré Santos

Mentoria (R$20,00/hora)
— Um mentor literário é como um técnico e professor. Ele irá ajudar você com uma agenda de escrita, estabelecerá metas, organizará a estrutura, fará a leitura de trechos e pode até ajudar a encontrar bons locais de publicação. Importante deixar claro: ele não irá escrever por você.

Leitura Crítica (R$8,00/lauda)
— A leitura crítica envolve perceber furos na história, destacar problemas de estrutura, incoerências, adequação ao gênero e ao público e originalidade. Trata-se, portanto, de um tipo de serviço criado para ser feito antes da revisão.

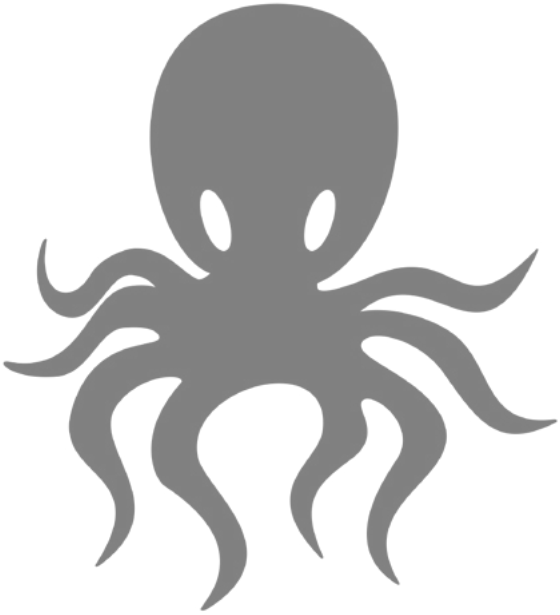
CONCEITUAL

com Matchuca

Capa/contracapa (a partir de R$ 600,00 cada)
— Ilustrações de capa originais e personalizadas para seu livro.

Ilustração interna (a partir de R$150,00 cada)
— Ilustrações personalizadas para preencher as páginas da sua obra.

Obs.: Os valores das ilustrações são para pessoas físicas apenas, e podem ser negociados dependendo da complexidade, prazo, etc. Esses valores são referentes a um produto em específico. Seu uso posterior em materiais de divulgação, novas edições, formatos ou plataformas deve ser negociado com o artista.



Literomania

CONTOS

QUADRINHOS

ARTIGOS

ILUSTRAÇÕES

VOLUME 2

Nº 8

2021